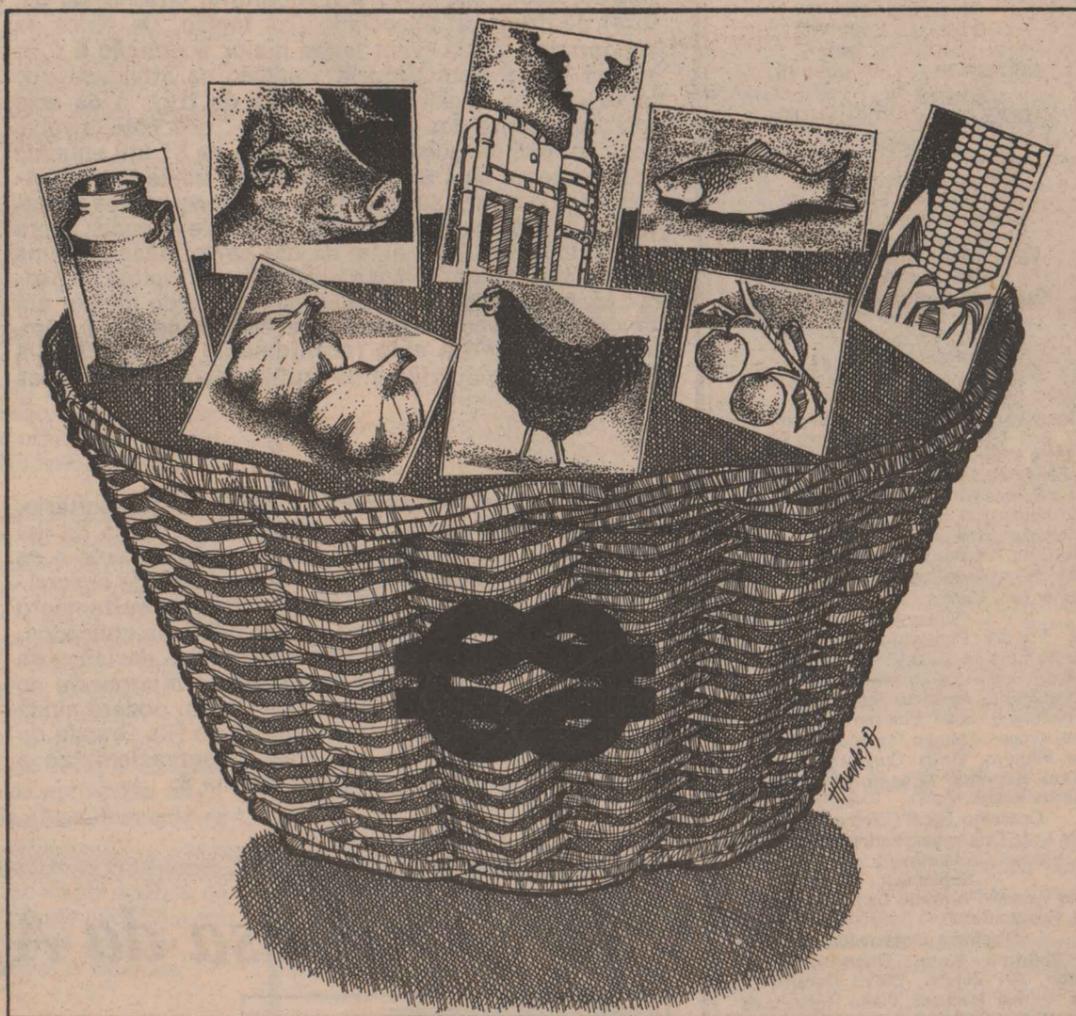




COOPERADOS

*Sistema cooperado
descobre as vantagens de
se criar raças rústicas,
alimentadas com
pastagens e sobras de
alimentos. São seis
programas incentivando a
organização e a
diversificação da
propriedade.*



PRODUÇÃO ORGANIZADA

Páginas 5 a 7

TRIGO

*Reajuste de 5,68
por cento não
é suficiente*

Página 4

SOLOS

*O primeiro
grande projeto
de microbacias
em Ijuí*

Página 8



A Fábrica está trabalhando com 20 produtos

*Nova
unidade
industrial*

*Com capacidade de produção
para 4.500 toneladas/mês, a
Fábrica de Rações Cotrijornal vai dar
suporte aos cooperados.*

Páginas Centrais

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111 Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400 Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bojivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Vice/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Angelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijin Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Wagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademir Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhdé, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pereira, Valdecir Oli Martinelli

Suplentes:
Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva Neto, Realdo Cervi

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:
LOCAL INSTALADA

Ijuí.....	164.000 t
Ajuricaba.....	33.000 t
Augusto Pestana.....	33.000 t
Chiapetta.....	60.000 t
Cel. Bicaco.....	40.000 t
Sto. Augusto - Sede.....	77.000 t
Sto. Augusto - Es. Umbu.....	50.000 t
Ten. Portela.....	60.800 t
Jóia.....	67.000 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Maracaju - Sede.....	69.800 t
Maracaju - Vista Alegre.....	19.500 t
Sidrolândia.....	52.000 t
Rio Brilhante.....	29.000 t
Dourados - Sede.....	82.000 t
Itaum (Dourados).....	25.000 t
Indápolis (Dourados).....	17.000 t
Douradina.....	17.000 t
Caarapó.....	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba.....	42.500 t
Ponta Porã.....	29.000 t
Itaporã - Montese.....	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí.....	17.000 t
Aral Moreira - Tagi.....	21.800 t
Bonito.....	3.550 t
Jardim.....	3.550 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP

Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR
Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Diversificar a produção de forma organizada. Com essa idéia a Cotrijuí deu início a implantação de seus programas cooperados — de sementes, suínos, peixes, ovos, eucalipto e fruticultura, envolvendo um total de três mil associados na região. De todos os cooperados, o que vem tendo maior aceitação é o de suínos — até pela própria tradição na atividade que já existia na região muito antes do trigo e da soja tomarem conta das propriedades —, que hoje envolve sozinho, 896 associados e um abate de 51 mil animais apenas neste ano. Se algum produtor ainda tinha dúvidas de que criar suínos soltos, comendo pastos e restos de mandioca, pudesse dar certo, deve andar agora meio surpreso. Pois além de dar certo, esse sistema pode proporcionar, além de redução nos custos de produção, bons retornos, que só não tem sido melhor em função do preço do porco que anda danado de ruim, mesmo que tenha sido recentemente reajustado. Os cooperados da Cotrijuí e os mutuos estão nas páginas 5, 6 e 7.

Através de um verdadeiro mutirão comunitário, produtores, entidades e lideranças rurais de Ijuí dão início a um projeto de conservação do solo e de estradas que, além de inverter o processo de escoamento da água, permitindo o seu maior aproveitamento pela lavoura, vai reduzir os gastos públicos aplicados, anualmente, neste setor. Dependendo das decisões da Secretaria da Agricultura do Estado, a microbacia do Arroio Três Negrinhos, na Linha 6 Oeste, poderá ainda ser considerada a microbacia piloto do Rio Grande do Sul. As vantagens das práticas conservacionistas e a opinião do produtor estão na página 8.

DO LEITOR

Casa da Agricultura



José Braz Marlosi é zootecnista e coordenador da Casa da Agricultura e Abastecimento do Município de Ijuí.

A Secretaria da Agricultura e Abastecimento, em sua nova dinâmica, reestruturada, não está servindo somente para reuniões de técnicos e serviços no mesmo espaço físico. O que queremos é a coordenação de todos os trabalhos a nível local sem que estes sejam necessariamente centralizados num único escritório.

O objetivo imediato é a assistência técnica e a extensão rural ao homem do interior, onde atuam a Emater, a Inspetoria Veterinária, a Inspetoria Zootécnica e a Inspeção de Sementes, sob a orientação do coordenador local.

Mas essa coordenação só será possível através dos Conselhos Comunitários integrados por representantes do Governo Municipal, dos Sindicatos, das cooperativas, das associações de classe, entre outras, que devem representar a vontade da maioria dos produtores e consumidores.

Com a reaglutinação de todas as forças vivas da comunidade, através de diálogos constantes, chegaremos aos rumos que

nortearão as atividades agropecuárias do nosso município. Este entrelaçamento evitará a dispersão dos recursos materiais e humanos.

Como resultado prático, a Casa da Agricultura e Abastecimento de Ijuí, já está coordenando os trabalhos de perfuração de poços artesianos em várias localidades do interior do município, principalmente nas escolas rurais, onde carências de água potável foram detectadas pela Comissão Interinstitucional de Saúde do Município de Ijuí e pela Emater, num trabalho pioneiro em todo o Estado.

Por outro lado, mantém a coordenação das Feiras Expositivas

e Remates, e trabalhos de extensão rural através da Emater, a fiscalização de compras de milho da Comissão de Financiamento à Produção, a CFP, o controle de vacinações e do trânsito de animais. Também integra as atividades, o trabalho de inseminação artificial de suínos, a fiscalização e produção de sementes certificadas, entre outras.

A Casa da Agricultura e Abastecimento de Ijuí, está localizada à rua Ernesto Alves, nº 432. Como não poderia deixar de ser, ela se encontra sempre à disposição dos produtores do município para qualquer esclarecimento e orientação técnica necessária.

José Braz Marlosi

CARTAS

Ainda a Fenadi

A Escola Estadual de 1º Grau Monsenhor Pio José Busanello desenvolveu suas atividades comemorativas ao 48º aniversário de serviços em prol da educação, tendo como diretora da Escola a professora Ivone Odette Kravczuk Cavalheiro, auxiliada pelo eficiente corpo docente da Escola composto por 18 professores que atendem ao corpo discente de 164 alunos distribuídos de 1ª a 8ª séries e por um atuante CPM sendo representado pelo sr. Adão Schultz, atual presidente e por um dinâmico Clube de Mães presidida pela sra. Carmem Maurer.

O nosso programa constou de uma parte especial, reservada às etnias italiana, alemã e polonesa, com vistas a resgatar a rica diversificada cultura — uma vez que as mesmas deixaram de ser praticadas, mas graças a I Fenadi, muitos dos usos, costumes e tradições foram recuperados.

Foram realizadas palestras com imigrantes e descendentes de imigrantes com o objetivo de reavivar valores culturais desses

grupos étnicos que constituem a comunidade ijuicense e, para confraternizar, um cardápio com comidas típicas de cada etnia.

Recebemos, na ocasião, a visita de uma Escola Municipal "Estado do Amazonas", que veio participar e integrar-se aos festejos das diferentes etnias. O programa ainda contou a com a presença do Grupo Folclórico Polonês "Pias" e o Grupo Folclórico "Piazito Carreiro", que deram uma demonstração de um trabalho de muita garra, força de vontade e dedicação.

Foi realizada uma missa em homenagem ao Patrono da Escola, Monsenhor Pio José Busanello, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, pelo pároco local Jerzy Sowa (Jorge), natural da Polônia.

Sendo o que tínhamos de momento, subscrevemo-nos atenciosamente

Ivone Kravczuk Cavalheiro
Diretora da Escola Estadual
Mons. Pio José Busanello
Povoado Santana, Ijuí

O extra-cota continua

Mais uma triste notícia para os produtores gaúchos que já não andam nada satisfeitos com o reajuste de 15 por cento dado pelo governo para o produto: o leite excedente continuará sendo aplicado no mês de novembro nas mesmas condições em que foi aplicado durante os meses de setembro e outubro. O que vai acontecer em dezembro, só Deus sabe, mas é bem provável que a CCGL continue aplicando o leite cota já que a produção cresceu, neste último mês, em 16 por cento. Para contrapor a uma produção elevada, ela garante que as vendas dos seus produtos continuam em baixa. Falta poder aquisitivo para o povo brasileiro continuar consumindo. A CCGL recebeu, no mês de setembro, segundo Antoninho Boiarski Lopes, superintendente da Cotrijuí na região e conselheiro fiscal da Central de Leite, 24.372.607 litros, um recorde de produção. Para o mês de outubro, a previsão de recebimento é para 26.370.000 litros de leite. Mas o sapo não foi engolido de vez e os produtores já estão até ameaçando suspender o fornecimento do produto, caso as indústrias de beneficiamento do Estado não suspendam o extra-cota e não atendam uma série de medidas reivindicadas.

Municipalização da Saúde

Sessenta e cinco milhões de cruzados. Este é o montante da verba que o município de Ajuricaba deverá receber, anualmente, caso o seu projeto de municipalização da saúde seja aprovado pelo governo do Estado. O aval do projeto, Ajuricaba já tem, pois o secretário de Saúde e Meio Ambiente do Estado, Antenor Ferrari esteve em Ajuricaba no dia 16 de outubro, quando assinou o protocolo de intenções do projeto. De acordo com o Secretário, o documento de intenções é um reconhecimento do projeto de saúde do município, que será assinado, em termos de convênio, dentro de um prazo de dois meses. Além de Ajuricaba, Antenor Ferrari

Conselho se reúne em Dom Pedrito

O Conselho de Administração da Cotrijuí esteve reunido em Dom Pedrito, no último dia 22, integrado pela totalidade de seus membros. Foi mais uma reunião de trabalho, com o debate e a solução de vários assuntos do mais alto interesse da cooperativa em geral e de seu quadro social em particular.

Cada titular de Regional fez ampla exposição do quadro geral de sua respectiva Unidade, mostrando em números a verdadeira situação em que se encontra. Pelo que foi exposto, dentro do frio realismo e singular transparência com que sempre costuma se cercar a Cotrijuí, os conselheiros chegaram a conclusão que se o quadro não chega a ser de otimismo absoluto, é de plena tranquilidade e absoluto controle.

Um dos assuntos debatidos e que ocupou a maior parte do tempo do Conselho foi a questão do Empréstimo Rotativo, uma vez que a comissão designada para o estudo de viabilidade do projeto achou-o perfeitamente viável e oportuno. Devido a essa sugestão favorável, a diretoria executiva vai definir o melhor procedimento para a prática do projeto, fazendo que retorne às bases para estudo final de aprovação ou rejeição, dentro da plena liberdade de cada um.

Ao encerrar o encontro, o presidente Oswaldo Meotti fez ampla análise da cooperativa, ponderando que "só o que é bom para o associado pode ser bom para cooperativa, e estamos lutando para isso".



A assinatura do documento pelo prefeito Victor Zanatta e o secretário, Antenor Ferrari

reconheceu oficialmente, ainda neste dia, os projetos de saúde dos municípios de Braga e Panambi, os quais poderão receber, aproximadamente 12 e 48 milhões de cruzados, anualmente.

CURTAS

Na visita que fez a Ijuí, durante a III Expo-Ijuí e I Fenadi, o Secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Jarbas Pires Machado reconheceu o trabalho que vem sendo feito na área de conservação de solos e prometeu apoio a microbacia de Ijuí que já começa a ser implantada. Jarbas Machado, que esteve acompanhado do delegado regional do Ministério da Agricultura, Antônio Visintainer, inaugurou os Pavilhões da Agricultura e de Bovinos, a Casa da Agricultura e a Casa do Peão.

Conservação do solo, aquisição de equipamentos e melhorias no hospital, ensino adequado a realidade do município, criação de um centro de lazer e cultura e a construção de uma olaria. Estas são as prioridades sugeridas pelo Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Chiapetta, numa reunião realizada no dia 22 de setembro. Baseados em recursos oriundos do Fundec, as propostas deverão ser aprovadas, no próximo dia 10, pelo Conselho Deliberativo do Condecom, que é formado por todas as entidades do município e um membro de cada comunidade do interior.



A visita do governador Pedro Simon, do Secretário da Agricultura, Jarbas Machado e do delegado regional do Ministério da Agricultura, Antônio Visintainer

CTC na Expo-Ijuí

Quem visitou a III Expo-Ijuí e I Fenadi, realizadas de 10 a 19 de outubro no Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil de Ijuí, viu, entre tantas atrações e inovações, uma réplica do Centro de Treinamento da Cotrijuí, que fica localizado no interior do município de Augusto Pestana, a 17 quilômetros da Cotrijuí sede.

Instalado entre a Casa dos Kaingang e a Casa Dei Taliani, o mini-CTC foi uma das atrações da Expo-Ijuí e I Fenadi, chamando a atenção não apenas dos agricultores visitantes, mas também do povo da cidade que não se fazia de rogado e pedia explicações sobre as tantas culturas, até certo ponto desconhecidas, plantadas nos canteiros demonstrativos. Mas foram os suínos da raça Wessex — os únicos em exposição durante toda a Feira —, os marrecos, as galinhas caipiras e os peixes instalados numa espécie de açude formado por uma lona, que chamavam a atenção de quem passava pelo mini-CTC.

O que tentamos fazer, explica o Rivaldo Dhein, agrônomo e gerente do Centro de Treinamento, foi

aproveitar a realização das Festas das Culturas Diversificadas para mostrar que Ijuí não é uma região de apenas etnias diferenciadas, mas também de culturas alternativas em termo de agricultura. O mini-CTC representou apenas um resumo do trabalho que a Cotrijuí vem fazendo no Centro de Treinamento na área da diversificação. "Procuramos mostrar, explica ainda o agrônomo, as principais alternativas que se tem para a região". É claro que não conseguimos mostrar todas as alternativas, mas tenho certeza que, através do mini-CTC, deu para dar uma idéia das alternativas de diversificação viáveis para a região nas áreas vegetal e animal, tanto para a pequena como para a grande propriedade.

Durante os 10 dias de Feira, o mini-CTC recebeu visitas ilustres, como a do governador Pedro Simon e sua comitiva, do secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Jarbas Pires Machado e do representante do Ministro da Agricultura, o delegado do Ministério da Agricultura, Antônio Visintainer, entre tantos outros.

Um novo convênio

A Cotrijuí assinou, no final do mês de agosto, mais um convênio de Cooperação Técnico-Científico, desta vez com a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo, a USP. A assinatura deste convênio vai possibilitar a realização de pesquisas conjuntas, a troca de material genético e também de informações. Com o apoio da Escola Superior de Agricultura, a Fundação já vem desenvolvendo algumas pesquisas para a Cotrijuí em grãos de colza, fava, ervilhaca, sincho, aveia preta e trêmoço doce, para verificar a possibilidade de consumo dos mesmos.

O piso nacional de salários, fixado em Cz\$ 3 mil não corresponde a um sexto das necessidades básicas de uma família de quatro pessoas. A afirmação é do presidente do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos — o Dieese, Joel de Oliveira. Pelos cálculos do Dieese o salário mínimo deveria ser de Cz\$ 19.320,00.

A UDR continua se alaistrando por esse Brasil afora. Agora já temos até núcleos chamados de UDR-Mulher, formados para combater a Igreja em sua defesa do trabalhador rural sem terra. Só no Rio Grande do Sul já existem 25 destes núcleos da entidade, buscando promoção, inclusive através da filantropia.

Os 10 Anos do Centro de Treinamento da Cotrijuí estão sendo contados num relatório lançado durante as comemorações da III Expo-Ijuí e I Fenadi. O relatório, traz os resultados das experimentações e pesquisas levadas adiante pelo CTC tanto na área de conservação de solos, como na área vegetal e animal.

Reclamação continua

Produtores queriam Cz\$ 695,00 pelo saco de trigo.

O Rio Grande do Sul está colhendo uma de suas maiores safras de trigo em meio a uma briga entre triticultores e governo. Tirando uma média de 1.500 quilos de trigo por hectare, fruto, principalmente das boas condições climáticas ocorridas durante todo o desenvolvimento da cultura, os produtores continuam reclamando, dizendo que o preço do trigo, de Cz\$ 625,00 e autorizado pelo governo no início do mês, mal dá para cobrir os custos de produção. Mas o governo, através do ministro da Agricultura, Íris Rezende, não quer saber de discussões e está dando o caso por encerrado, garantindo que o reajuste de 5,68 por cento, a vigorar a partir de setembro, vai compensar a falta de correção nos meses de julho e agosto.

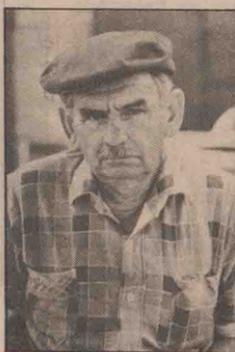
Os agricultores gaúchos, através da sua Federação, a Fecotrigo, vinham reivindicando a correção baseada no IPP para os meses de julho e agosto. Sugeriam que a correção pela OTN só começasse a vigorar a partir de setembro. O governo, depois de muitos desacertos dentro de casa, achou melhor simplificar a questão corrigindo pela OTN. Dessa forma, o preço de outubro — de Cz\$ 541,50 — válido para um saco de trigo de 60 quilos, sofreu correção pela OTN, passando a Cz\$ 591,21. Com o reajuste de 5,68, ele veio parar em Cz\$ 625,00, com uma defasagem de Cz\$ 66,00 em relação

ao preço que vinha sendo reivindicado pelos agricultores que era de Cz\$ 691,00.

DEFASADO

Para o presidente da Fecotrigo, esse preço já chega defasado. Ele justifica a sua afirmação dizendo que em outubro o custo de produção de um saco de trigo era de Cz\$ 624,00. "O governo precisa entender, reclama Terciso Redin, que o agricultor, de agora em diante, terá outras despesas que vão desde a colheita até o transporte da produção e isso ele não está considerando. O sistema de correção pela OTN, na sua opinião, cobre, no máximo, a correção financeira, "mas não remunera o produtor". Garante que esse reajuste de 5,68 por cento dado pelo governo não passa de uma medida paliativa e injusta para com os agricultores gaúchos.

No ano passado o triticultor gaúcho estava vendendo a tonelada de trigo a 240 dólares; este ano, o preço caiu para 170 dólares. "É uma mostra de que estamos perdendo dinheiro",



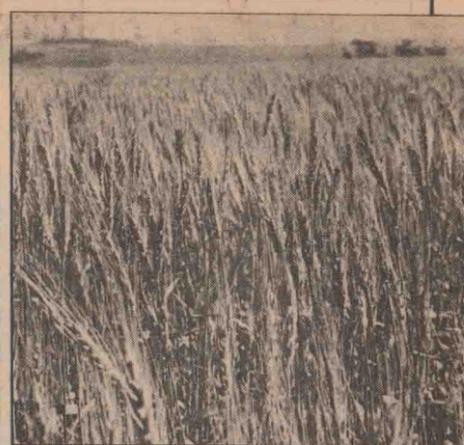
Lufs Kusiak

assegura o presidente da Fecotrigo dizendo que de nada adianta o triticultor investir em tecnologia, se o governo tira em preço. A idéia do governo de que o produtor tem que tirar a sua rentabilidade em cima da produtividade não "passa de uma grande farsa, pois ele tira no preço. Quando se colhia 900 quilos por hectare, a cultura era viável. Agora que estamos colhendo 1.500 quilos, o preço está defasado". O governo não está valorizando o nosso trabalho".

UM POUCO MAIS

O seu Lufs Kusiak, proprietário, junto com um filho e mais dois genros, de 250 hectares localizados em Linha 5 Leste, Ijuí, acha que o governo deu uma castigada grande nos triticultores neste ano. Acha o preço de Cz\$ 625,00 razoável, "podendo ser um pouco melhor", diz lamentando o descaso do governo com a classe produtora. "O preço da nossa produção sempre fica para trás, enquanto que os preços dos insumos e do óleo diesel andam sempre na frente". Exemplifica essa sua queixa contando que desde o dia em que fez a contratação para financiamento da lavoura da soja, o preço dos combustíveis teve um reajuste e está sujeito a outro e "ainda não peguei o dinheiro, que já vem defasado".

A maior parte da lavoura do seu Lufs — 66 hectares — foi plantada financiada, com direito a 60 por cento do total do crédito. Ele não quis pegar a complementação de verba, "que tenho muito medo de juro de mercado" e está colhendo nessa área em torno de 26 sacos por hectare.



Bons rendimentos nesta safra

Quanto colher

Quanto o produtor vai precisar colher de trigo nesta safra para poder pagar o dinheiro de custeio pegado no banco para fazer a sua lavoura? Certamente que nestas alturas, com grande parte das lavouras da região já sendo colhidas, muitos produtores devem andar com as contas no bolso. Mas para tirar qualquer dúvida, o Lufs Juliani, da Diretoria Agrotécnica da Cotrijuf na região, andou levantando estes valores.

De acordo com o levantamento, os minis e os pequenos produtores, que tiverem direito a pegar 100 por cento do valor do custeio para fazer sua lavoura, resultando num total de Cz\$ 5.280,00 por hectare, necessitariam colher em maio, época da contratação do financiamento, aproximadamente 17,53 sacos de trigo por hectare com específico 78. O preço mínimo de um saco de trigo estava valendo, em maio, Cz\$ 301,20. Agora em novembro, depois que o preço foi reajustado de Cz\$ 541,60 para Cz\$ 625,00 o saco, os produtores enquadrados dentro desta classificação, terão de colher em torno de 15,31 sacos por hectare, com uma redução, em relação a época de contratação do financiamento, de 12,6 por cento. A relação neste caso — minis e pequenos — é mais baixa porque todo o dinheiro foi financiado pelo crédito rural.

Golpe maior vão receber os médios e grandes produtores que tiveram direito a tomar do banco 60 e 50 por cento, respectivamente, do total do financiamento liberado e que totalizava Cz\$ 8.735,00 por hectare. O Juliani fez a fusão das duas classificações numa só e calculou uma média de 55 por cento como sendo o percentual a que tinham direito estes produtores para contratar dinheiro no banco. Aquele produtor que utilizou todo o crédito a que tinha direito, no valor de Cz\$ 8.735,00 e inclusive a complementação da verba a juro de mercado, teria de colher, em maio, 29 sacos por hectare. Hoje ele tem de colher 32 sacos de trigo por hectare para pagar todo o dinheiro gasto na formação da lavoura. O aumento da proporção de colheita para pagamento do financiamento de maio para novembro foi de 10,3 por cento, mostrando que as despesas financeiras crescem muito mais depressa do que a correção dos produtos.

Mas se o produtor, mesmo classificado como médio e grande, pegou apenas o custeio financiado pelo crédito rural, terá de colher, hoje, 13,92 sacos de trigo por hectare. Em maio ele teria de colher 15,95 sacos. A relação é mais baixa do que a do mini e pequeno produtor, porque ele também levou menos dinheiro: Cz\$ 4.804,25.

Preços mínimos x descapitalização

Paulo Roberto da Silva

A partir do momento em que o governo estabeleceu que a OTN — Obrigação do Tesouro Nacional e não mais IPP — Índice de Preços Pagos, servirá de índice para a correção dos preços mínimos dos produtos, o setor agrícola, mais uma vez, sofreu um duro revés, ferindo gravemente a sua já tão combalida rentabilidade.

A razão principal desta assertiva deve-se ao fato de que na composição da variação da OTN, que atualmente mede o IPC e a inflação, entram diversos componentes que de forma direta, absolutamente nada influenciam na composição dos custos de produção. Exemplificamos com dados fornecidos pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, contemplando o mês de outubro. A inflação do mês foi de 9,18, sendo seu maior vilão o aumento médio de 44,44 no preço dos alugueis. Só este item contribuiu com 1,29 no índice total. Outro reajuste de grande peso foi o dos ônibus urbanos.

O IBGE registrou uma média nas dez regiões metropolitanas (principais capitais do país) pesquisadas de 13,67, com um impacto de 0,74 na taxa do mês. Outros preços que também contribuíram fortemente para a elevação da taxa foram: refeições em restaurantes, arroz polido, automóveis usados, associações esportivas e calças masculinas. Cumpre-se ressaltar que no mês de setembro o item vestuário agiu significativamente sobre o índice inflacionário, isto porque houve a ocorrência de liquidações de inverno e o lançamento das coleções de verão, com

o preço do algodão no custo dos tecidos e confecções. Outro item bastante influente na formação da inflação foi atividades, devendo-se destacar os aumentos de cinema, teatro, espetáculos esportivos e leitura como os responsáveis pela elevação de 12,4 registrada nesse item.

Com essas variações nos preços, o grupo que apresentou maior alta no índice do IBGE foi: vestuário 17,29, habitação 13,56, transporte e comunicação 13,47, artigos de residência 10,42. A alimentação que pesa 44,01 no índice, sofreu uma variação de apenas 6,13.

Isto posto, passaremos a examinar a questão sob o enfoque de que o IPP fosse realmente o índice de correção dos preços mínimos e não a variação da OTN.

A Fundação Getúlio Vargas, entre o período de 15 de agosto a 14 de setembro, divulgou em 30 de outubro o IPP com variação de 13,34. Convém evidenciar que em agosto a variação da OTN foi de 6,36. E setembro atingiu a 5,68. Pelo IPP pesquisado, as sementes subiram 16,5, fertilizantes ficaram com 16 de aumento, agrotóxicos com 15 e a mão-de-obra e combustíveis com 9. Como se vê, foram os insumos que mais contribuíram para a elevação em 13,34 nos custos dos produtores. No mesmo período o IPR foi de 12,27 e os preços praticados no mercado indicaram um ganho de 45 na comercialização de algodão em caroço, 15,7 na venda de arroz, 15,8 no milho, 18,6 na soja e 11,6 na cana-de-açúcar. A relação de troca na agricultura piorou um pouco. Enquanto o IPR está medindo os preços obtidos na safra colhida, o IPP busca saber os custos da safra

que está sendo plantada. O resultado acumulado dos dois índices nos últimos doze meses evidencia, com clareza, estas constatações.

Os custos de produção estão cerca de 46 acima da receita obtida pelos agricultores. Os custos de produção, medidos pelo IPP, apuraram um acumulado de 242 (a inflação medida pelo IGP foi de 290,9) enquanto o IPR pelos produtores indicou um ganho de 196,3.

Torna-se imperiosa a necessidade de analisar o processo de descapitalização que vem experimentando o setor agrícola, após a profunda deterioração no índice de relações de troca entre a agricultura e a indústria, ocorrida na última safra, que chegou a acusar uma queda de 26.

Embora a produção tenha crescido, o que explica o aumento no produto agrícola, a receita bruta dos produtores caiu vertiginosamente. Somando-se outros fatores como a erosão patrimonial de terras e outros ativos do campo, o aumento do risco na contratação de crédito a taxas de juros indexados à OTN e os índices macroeconômicos de queda no poder aquisitivo dos salários explicita no menor faturamento do comércio neste ano. Todos estes danos mostram a necessidade de ajuste na produção agrícola.

Obviamente que este citado ajuste passa necessariamente pela revisão de uma questão mais global, envolvendo de forma ampla todos os setores da nossa economia, objetivando o tão almejado desenvolvimento contínuo, harmônico e equitativo da nação brasileira.

Paulo Roberto é diretor Adjunto da Cotrijuf — POA.



Seis programas cooperados buscando saídas para a diversificação da produção da região.



O cooperado de suínos já atinge 896 criadores

Diversificação na prática

Falar em cooperado hoje, entre os associados da Cotrijuf na Regional Pioneira, já não causa mais nenhuma estranheza. Mas se o assunto viesse à tona lá pela década passada, o rolo estava feito. Quem iria querer saber de engordar porco solto, comendo pastagens e sobras de abóboras, mandioca ou milho, numa época em que o trigo e a soja tomavam até o lugar dos temperos? Ou ainda, quem iria querer saber de lidar com açúcares e peixes, uma atividade que só poderia dar algum retorno na época da Semana Santa? Ou começar a criar galinhas de raças rústicas para produzir ovos em escala comercial?

Pois, por mais incrível que pa-

reça, essa postura do associado da Cotrijuf na região já ficou para trás e tem como causa as tantas frustrações de safras com a soja e o trigo, que o levaram a endividamento quase sem saída. Com o trigo e a soja rendendo pouco, até os velhos pomares, que andavam meio abandonados e tomados pelas ervas-de-passarinho ressuscitaram. Quem não levava a sério a afirmação de que as nossas fontes energéticas estavam-se esgotando, mudou de opinião e, agora já está até reflorestando áreas com eucaliptos.

Foi justamente desta descoberta de que era preciso investir também nas pequenas coisas como forma de diversificar as atividades da propriedade

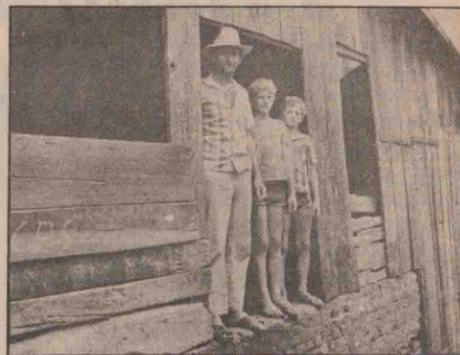
e buscar novas receitas, que nasceram os cooperados da Cotrijuf: o de sementes, o de suínos, de peixes, de ovos, de eucaliptos e de fruticultura, envolvendo um total de três mil produtores da região. "Os projetos cooperados, costuma dizer o vice-presidente da Cotrijuf na Pioneira, Celso Bolfvar Spretto, vieram para tentar resgatar aquelas atividades simples que eram desempenhadas na região até antes da hegemonia da soja e do trigo. O que a Cooperativa quer na verdade, segundo o seu Celso, é que o produtor entre na diversificação sem grandes investimentos e endividamentos para viabilizar novamente a sua propriedade. Garante que os objetivos estão sendo al-

cançados, embora reconheça que ainda existem muitas dificuldades pela frente.

Para o Léo Góti, diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuf na região, a implantação dos cooperados nada mais é do que a materialização da idéia da diversificação, "que teve condições de avançar de forma mais rápida. "Eles têm o objetivo, esclarece, de criar um maior vínculo entre o produtor e a Cooperativa". O que se busca, também, segundo o diretor Agrotécnico, não é apenas implantar o sistema de diversificação na região, mas também fazer o produtor entender que é possível se obter bons resultados com o uso de uma tecnologia moderada e adequada a sua realidade.

O trabalho da Cotrijuf na área de programas cooperados iniciou com o projeto de sementes. Mas o programa que mais avançou nesse tempo foi o cooperado de suínos, "a tal ponto que hoje, ao contrário do que acontecia até dois anos atrás, estamos trabalhando com uma produção melhor ordenada, dentro de um recebimento programado". Graças ao sucesso alcançado com estes dois cooperados, o Departamento Agrotécnico da Cotrijuf decidiu a criar mais quatro projetos, todos em andamento e avançando na medida em que as primeiras dificuldades vão sendo enfrentadas. Para enfrentar uma diversidade tão grande de atividade, o Léo garante que a Cooperativa também vem se reestruturando, "pois precisamos estar preparados para os desafios criados com estes novos sistemas de cooperados."

Bom trato, bom retorno



Winter e os filhos: já pensando em novas instalações

Por causa da facilidade de aquisição da ração a juros baixos, o seu Valdir Winter, proprietário de 90 hectares no Rincão dos Becker, Ijuí, decidiu no final do ano passado, investir firme no programa cooperado de suínos. Naquela época, o produtor que há muito tempo lida com suínos, não precisou nem investir em instalações. "Nós tínhamos o chiqueiro desde 1962", diz o produtor, que contava, então, com 12 criadeiras.

Para alimentar todos estes animais, o produtor estava se vendo um pouco apertado. "Não tinha trato que chegasse e sempre que precisava comprar alguma coisa era tudo na base do financiamento de banco", lembra Winter justificando a sua entrada no cooperado. Pouco tempo depois, o preço do suíno subiu, o que entusiasmou ainda mais o produtor. Mas, com um aumento sensível do seu plantel, o produtor precisou também investir um pouco mais na alimentação, pois os 200 sacos de milho e os dois hectares de mandioca colhidos na safra passada, não foram suficientes para toda a criação da propriedade.

Satisfeito com os resultados dos primeiros lotes — até hoje ele entregou cinco — Winter acompanhou também as baixas do preço, que hoje já o deixam mais intrigado. Calculando os seus gastos com ração, em aproximadamente Cz\$ 100 mil, o produtor espera que os preços e os juros se equilibrem. Enquanto isso, para manter os seus 280 animais — 40 são criadeiras e 100 poderão ser entregues no próximo mês — o produtor vai investir no plantio do milho e do sorgo. "Tratando bem dos animais dá para entregar até em cinco meses e também ajuda a equilibrar os gastos".

SUÍNOS

51 mil animais abatidos

O projeto de suinocultura foi o segundo cooperado criado pela Cotrijuf. Implantado há pouco mais de um ano e dirigido para aqueles criadores que já possuíssem o mínimo de estrutura necessária na propriedade, ele está dando mostras de que a suinocultura continua sendo uma excelente alternativa para a diversificação na propriedade. A meta, ao criar o projeto cooperado, era de tentar viabilizar a atividade sem grande sofisticação. O que se queria, de fato, era incentivar a atividade sem necessidade de novos investimentos, aproveitando o máximo os alimentos produzidos na propriedade.

O sucesso que o cooperado de suínos alcançou foi surpreendente, conseguindo, em apenas meio ano, aumentar em 88 por cento o recebimento de animais em relação ao rebanho entregue durante todo o ano de 1985. Esse sucesso é o resultado, segundo Paulo Garcez, veterinário e gerente da área de Produção Animal da Cotrijuf na região, do fato da suinocultura se apresentar como uma atividade simples. O criador não precisa ser especializado na atividade, mas apenas trabalhar com os mínimos conhecimentos.

Até o final do ano passado, com meio ano de programa em andamento, a Cotrijuf conseguiu encaminhar para abate no frigorífico da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, localizada em Júlio de Castilhos, 20.933 animais, contra os poucos mais de 11 mil recebidos em 1985. Neste ano, quando o programa ganhou maior amplitude, o recebi-

mento aumentou em 200 por cento em relação ao ano passado. Vem sendo mantida uma média de recebimento de 5.100 animais por mês. Isso leva a crer que o projeto vai fechar o ano com o abate de 60 mil animais. "A estimativa de recebimento já foi superada em muito, ressalta o Paulo Garcez, prevendo para o próximo ano o recebimento e abate de 100 mil animais, o que deverá representar, caso se confirme esse número, o equivalente ao desfrute do rebanho da região.

Foram os resultados alcançados com o cooperado de suínos que levaram a Cotrijuf transferir de Júlio de Castilhos para Ijuí a sua Fábrica de Rações, recentemente instalada junto ao complexo sede e com capacidade para uma produção de 4.500 toneladas mês. A Fábrica de Rações vai servir de ponto de apoio para a atividade que começa a deslançar na região e tem tudo para continuar em alta.

SEM INVESTIR

Existem, atualmente, 896 criadores participando do cooperado integrado de suínos, o que representa um total de 13.812 animais inscritos no projeto e a serem abatidos. Este número perfaz uma média de 15 animais em cada lote cooperado, perfeitamente integrado com as demais atividades desenvolvidas dentro da propriedade. A maioria dos produtores possui alguma tradição na atividade que hoje vem ganhando novos adeptos desde Jóia até a unidade de Tenente Portela, onde está estabelecido o maior número de cooperados da Cooperativa. O que vale ressaltar,

segundo o Paulo Garcez, é que nenhum deles fez novos investimentos na propriedade, aproveitando as instalações e matrizes existentes. "Não queremos que o produtor cooperado faça investimentos na construção de pocilgas nem na aquisição de reprodutores caros; alerta.

Os produtores estão trabalhando com plantéis rústicos, resultantes de cruzamentos principalmente de suínos da raça Wessex com a Duroc. Os reprodutores são fornecidos pela Cotrijuf, que garante ainda toda a assistência técnica e os insumos necessários. Tendo como garantia o trabalho que vem sendo desenvolvido no Centro de Treinamento, onde os animais são criados soltos e se alimentando com pastagem e sobras de mandioca, abóbora etc., a Cotrijuf vem incentivando os produtores para que produzam a alimentação na propriedade, fugindo da dependência dos insumos e reduzindo as despesas em até 20 por cento. Colaborando neste sentido, o Departamento Agrotécnico está habilitado para formular, cientificamente, rações com alimentos alternativos, como a alfafa, a cana-de-açúcar, a mandioca, abóbora, entre outros.

Como o projeto vem andando a quase mil por hora, é pensamento da Cotrijuf oferecer novos incentivos aos criadores. Ela já está pensando em intensificar o programa de matrizes suínos; está criando um sistema de troca de produto — soja por farelo de soja —; e estudando novas técnicas de criação e incentivo à utilização de alimentos alternativos visando baixar os custos de produção.



OVOS

Ainda uma novidade

Em torno de 130 mil dúzias de ovos. Esta é a estimativa de produção para este primeiro ano do projeto cooperado de ovos, implantado pela Cotrijuf no final do ano passado e que tem como pontos básicos a organização do produtor no sentido de diversificar as atividades de sua propriedade e o aproveitamento da mão-de-obra familiar. O projeto é semelhante ao cooperado de suínos, com preferências, também neste caso, para a criação de raças mais rústicas e menos exigentes em termos de alimentação.

O cooperado de ovos já atinge mais de 40 produtores da região, área de ação da Cotrijuf. A meta vem sendo cumprida, segundo o João Klohn, agrônomo e supervisor da área de avicultura da Cotrijuf. Depois que o cooperado foi criado, já foram distribuídos um total de 10.300 pintos de postura entre os criadores participantes do programa. Cada produtor cooperado pode fazer de um a quatro lotes de 160 aves cada um. "Temos tido o cuidado, destaca o João Klohn, de sempre deixar em aberto a possibilidade do produtor interessado em formar de três a quatro lotes. Essa extensão da atividade vai depender, evidentemente, da estrutura disponível na propriedade. "Não faze-

mos questão de lotes maiores, alerta o agrônomo, dizendo que a Cooperativa quer é atingir o maior número possível de produtores para que o projeto não se limite apenas a um pequeno grupo de beneficiados".

O investimento feito pelo produtor cooperado de ovos se resume na construção de um galpão simples, sem sofisticação, para abrigar os pintos. As aves são criadas em sistema de semi-confinamento, a exemplo do que é feito no Centro de Treinamento da Cotrijuf ou em confinamento total, dependendo, no caso, da estrutura do produtor. Mas em qualquer das opções, o produtor vem sendo orientado no sentido de fornecer pastagens durante a fase de crescimento e postura, o que pode representar uma economia de 20 a 25 por cento nos gastos com alimentação. As pastagens mais recomendadas ficam por conta da alfafa, dos trevos e de gramíneas como o quicuío e a bermuda, entre outras. "Mas esta é uma questão, alerta o agrônomo, que vai depender da situação da propriedade e do próprio manejo das aves. Utilizando essa alimentação alternativa, ele vai conseguir obter uma redução nos custos, podendo, inclusive, utilizar concentrados como o milho produzido na propriedade

ou ainda fazendo uma ração caseira.

A meta da Cotrijuf, para daqui a três anos, é chegar a uma produção mensal de 60 mil dúzias de ovos comercializados através do setor de hortigranjeiros ou pelas suas 26 lojas espalhadas pela região onde atua. Para chegar a essa produção, no entanto, se faz necessário ampliar o projeto para 200 cooperados. Apesar de vir apresentando um crescimento bastante lento, o João tem certeza que em pouco tempo o cooperado de ovos vai deslanchar na região e alcançar a meta estipulada. E na medida em que acontecer a expansão horizontal da atividade, a Cotrijuf, por sua vez, vai consolidar mercado para fora de suas lojas, "mas para tanto, adverte, é preciso que aconteça um aumento no número de aves alojadas". "Temos que ter garantia de recebimento do produto, para assegurarmos uma comercialização eficaz".

Para o João Klohn, o cooperado de ovos só não deslançou ainda por que o programa é ainda uma novidade, e o produtor ainda não se acostumou ao novo sistema. Um outro entrave tem sido o momento nada propício para a comercialização de ovos em função da redução no consumo.



Dallabrida: lidando com as miudezas

O problema é o preço

Estamos meio assustados, pois quanto mais a gente abre a propriedade, menos está sobrando". A afirmação é do seu Lino Dallabrida, proprietário de 54 hectares na Linha 29, Ajuricaba, que recebeu um lote de 160 aves de postura, em junho passado. Adepto dos programas cooperados, o produtor, que ocupa a sua propriedade com todo o tipo de cultura, desde as tradicionais até o cultivo de uma pequena horta medicinal, uma criação de coelhos, de codornas, peixes e pombas, diz que resolveu entrar no programa de aves porque as coisas estavam mal e também por causa do preço dos ovos, que em maio estava em Cz\$ 23,00.

"A lavoura sempre vai em ferro, então, se a gente quer arrumar a casa e melhorar o rancho da família é preciso lidar com miudezas", afirma o produtor, ao lembrar que parte de suas dívidas com bancos e outras casas particulares, foram pagas com as sobras do cooperado de suínos. Foi apostando nestes resultados e também pelo "capricho de mexer com uma atividade nova", que o seu Lino resolveu dar mais um espaço para as aves.

Para estruturar este cooperado, seu Lino desembolsou Cz\$ 18 mil, gastos com o piso e a cobertura das instalações. O resto, no entanto, foi feito com material caseiro. Começando pelo cocho, feito de um tronco de coqueiro, que servia para canalizar a água de um antigo alambique que existia na propriedade, as paredes de madeiras, os ninhos, o puleiro e o cercado do galinheiro, até a luz artificial, que agora, ele pretende completar com um relógio automático.

INSEGURANÇA

Incentivado pelo preço, quando iniciou o cooperado, seu Lino anda mesmo preocupado é com o preço dos ovos - Cz\$ 14,00 - que atualmente, segundo ele, não está acompanhando os custos da alimentação das aves. Com um gasto de Cz\$ 150,00 de trato por dia, o produtor acha que, "se continuar desse jeito, não vai dar nem para pagar a ração, os pintos e pegar mais um lote de aves no próximo ano". Além disso, não é muito fácil tratar as galinhas com ração caseira", diz o produtor que deve ainda Cz\$ 16 mil de milho, sorgo e concentrado.

Para diminuir estes gastos com a ração, o seu Lino plantou 10 hectares de milho no ano passado, que não foram suficientes para alimentar as 12 vacas, os 41 suínos, os três cavalos e mais as 300 galinhas que ele tem para o consumo próprio. Assustado, mas com esperança, o produtor pensa que se o preço chegarem a média de Cz\$ 20,00, ele poderá cobrir os custos e ainda ter um retorno.

PEIXES

Produção de 40 toneladas

O programa cooperado de peixes, o terceiro criado pela Cotrijuf, é o que menos avançou nesse seu primeiro ano de existência, "em função do mercado consumidor que é pouco promissor", esclarece o Altamir Antonini, coordenador do programa cooperado de piscicultura na região. O projeto iniciou com o objetivo básico de tentar reorganizar a produção da região, buscando, ao mesmo tempo, aumentar o número de associados envolvidos na atividade e melhor ordenar a comercialização, que praticamente era feita apenas durante a Semana Santa. Mas o objetivo mais imediato, segundo o Altamir, é o de buscar o aperfeiçoamento da atividade através de um acompanhamento técnico ao produtor, além do fornecimento dos alevinos e dos insumos necessários. Em resposta a este incentivo, o produtor fica no compromisso de entregar a sua produção para ser comercializada pela Cooperativa.

A Cotrijuf vem estimulando a piscicultura na região há mais de 10 anos, mas só no ano passado, através do programa cooperado, decidiu encarar a atividade como uma alternativa capaz de render bons retornos financeiros. Mas o produtor sempre foi orientado a integrá-la às demais atividades da propriedade. A Estação de Piscicultura, instalada junto ao Centro de Treinamento vem servindo de apoio ao projeto, através do fornecimento de alevinos - 600 mil apenas neste ano e de informações técnicas para a condução dos açudes.

Mas o suporte maior vem sendo dado na área de comercialização. O projeto estabelece a despesca dos açudes de acordo com um cronograma para evitar que toda a produção fique concentrada em apenas uma época do ano. "Nós não podemos continuar comendo peixe apenas na Semana Santa, observa. O consumidor precisa mudar seus



A despesca deve ser programada

hábitos". Nesse primeiro ano, os 34 cooperados que participam do programa, vêm fazendo a despesca de forma organizada. Cada semana, um produtor faz a despesca e abastece o mercado da Cotrijuf. A produção, que no ano passado chegou a 10 toneladas, poderá alcançar até o final do ano, 40 toneladas de peixes, mas a meta para 1988 é de 120 toneladas.

O Altamir prefere dizer que nesse ano o programa desenvolvido nessa área foi experimental, mas garante que para o próximo ano a Cooperativa será mais agressiva, abrindo, inclusive, possibilidades para que um maior número de produtores ingresse na atividade. "É uma atividade simples, mas que exige um pouco de conhecimento do produtor", esclarece, lembrando que a região tem um potencial de produção muito grande - existem mais de 300 açudes na região -, bastando apenas que os produtores explorem melhor a atividade. "Em torno de 20 por cento dos açudes existentes são explorados de forma comercial", conta.

Além dos alevinos de nilótica, carpa-espelho, carpa capim e outras espécies, a Cotrijuf fornece toda a orientação técnica necessária. Os peixes são alimentados com restos de grãos de trigo, milho, soja e milho e mais uma mistura feita com abóbora e mandioca. Também são utilizados como alimento resíduos de esterco de suínos. O ganho médio de peso de um peixe, no prazo de um ano, pode chegar a 200 gramas. Algumas carpas como a capim, prateada húngara e a cabeça grande, chegaram a atingir nesse ano, em algumas propriedades, 4,5 quilos em apenas 13 meses, "o que nos leva a uma boa perspectiva da atividade".

Como algumas espécies de carpas, como a capim, a prateada húngara e a cabeça grande não se reproduzem nas nossas condições de clima, está sendo implantado no CTC, um centro de propagação artificial. Esse centro vai possibilitar a multiplicação dessas espécies através da indução. Mas o Altamir vai logo avisando: estas espécies serão distribuídas apenas para aqueles produtores que fazem parte do programa cooperado. "O que queremos, explica ele, é que esse peixe distribuído pela Cotrijuf, volte para a Cooperativa. "Só vamos conseguir promover o mercado consumidor na região se tivermos uma produção garantida.

Para mais adiante, a Cotrijuf já vem pensando na industrialização do peixe, que atualmente vem sendo vendido nos mercados de forma "in natura". Segundo o Altamir, o produto poderá ser transformado em enlatado, em filé em caixas e até em massas para almôndegas. Mas esse é um projeto ainda em estudo e que vai depender da garantia de produção do próprio cooperado em assumir o compromisso de comercializar a sua produção dentro da Cooperativa.



EUCALIPTO E FRUTICULTURA

Recém iniciando

O programa cooperado de eucalipto foi criado visando atender a demanda crescente de lenha consumida pela Cotrijuf em seus secadores, que hoje situa-se entre 20 a 25 mil metros cúbicos por ano. Aliás, a necessidade de se buscar a auto-suficiência em energia não é um assunto novo. Parece mentira, mas a região, sem suas reservas florestais que foram derrubadas para dar lugar às lavouras intensivas de trigo e de soja, está buscando lenha em outros pagos. Só para exemplificar as necessidades da região, podemos citar o caso da Cotrijuf, que sozinha, consome anualmente, o equivalente a uma necessidade de se plantar 110 hectares por ano.

Mas o cooperado de eucalipto, visa também, garantir maiores rendimentos para a propriedade, através do reflorestamento em áreas não aproveitadas para o cultivo de lavouras mecanizadas. Embora seja um programa novo, ele vem "surtindo um efeito muito bom entre os associados", diz Léo Góti, diretor do Departamento Agro-

técnico da Cotrijuf. Desde que foi instalado, no início deste ano, já foram distribuídas, entre associados, cooperados e não cooperados, em torno de 700 mil mudas de eucalipto, sendo que deste total, 200 mil fazem parte do projeto.

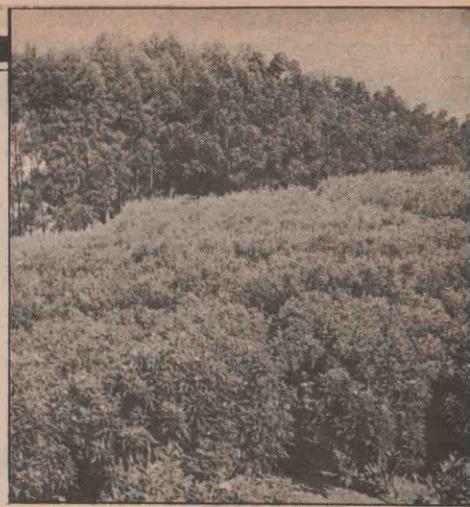
O programa cooperado iniciou com a Cotrijuf colocando à disposição de seu quadro social quatro mil mudas por hectare, mais a assistência técnica no plantio e na condução do trabalho de reflorestamento. O produtor que não quiser reflorestar uma área não muito grande tem a opção de pegar apenas 1.000 mudas, o que corresponde ao plantio de 0,25 hectare. Só participa do cooperado aquele associado que assume o compromisso de comercializar 50 por cento da sua produção com a Cooperativa.

Mas além dos retornos econômicos que o eucalipto assegura ao associado, tem um outro ponto, segundo o Léo Góti, que é preciso ser levado em conta: o da valorização da propriedade. Os eucaliptos plantados vão ser-

vir como barreira contra os ventos, auxiliando na criação de animais consorciados, como a abelha, contribuindo ainda para a recuperação do solo. A previsão para este primeiro ano é chegar a 200 hectares reflorestados. As mudas poderão ser pagas em produtos — soja, milho e sorgo na próxima safra de soja. Quatro mil mudas, por exemplo, equivalem a 780 quilos de soja, a 1.800 quilos de milho e a 2.100 quilos de sorgo. Para calcular o preço da muda, no entanto, será considerado o preço do produto no dia da contratação do financiamento.

FRUTICULTURA

Aproveitando as condições favoráveis do microclima existente na região de Tenente Portela, a Cotrijuf criou o programa cooperado de fruticultura tropical, dirigido especificamente para associados interessados desta Unidade. O objetivo inicial é o de suprir as necessidades da cooperativa em produto "in natura" e de industrialização com as "schmiers". O programa iniciou com a distribuição de



Foram distribuídas 700 mil mudas de eucalipto

mudas de banana — 2.500 ao todo —, mas já está previsto para o próximo ano a distribuição de mudas de abacaxi e mamão, que já estão sendo produzidas. As sementes de mamão foram trazidas do Centro Nacional de Fruticultura da Embrapa da Bahia, podendo render até 35 mil mudas de bananeiras. A nossa meta, diz ainda o Léo Góti, não é apenas o de fortalecer o mercado regional, mas também proporcionar uma outra fonte de renda aos associados cooperantes". Além do produto "in natura", a produção será comercializada também através da industrialização destas frutas pela própria Cooperativa, já que também integra o programa um projeto de agroindústria, viabilizado através de uma fábrica de geleias e compotas. A instalação desta agroindústria está prevista para o próximo ano, na própria unidade de Tenente Portela. Das frutas temperadas está sendo dada prioridade para os pêssegos, figo, uva e amora.

SEMENTES

Mais antigo

Este primeiro cooperado criado pela Cooperativa e que já deve ter mais de 10 anos, é resultante das exigências determinadas pelo Ministério da Agricultura e pela Comissão Estadual de Sementes e Mudanças para a produção de sementes, que exigia uma série de prazos, instruções e obrigações do produtor", que no caso estava representado pela própria Cooperativa. Como consequência destas exigências para a produção de sementes, o Departamento Técnico da Cotrijuf, aliado aos associados cooperantes constituíram a primeira atividade organizada dos programas cooperados de produção vegetal. Esse programa também vem fornecendo sementes de boa qualidade para terceiros, sempre observando os padrões exigidos. É um sistema cooperado que normalmente tem propiciado retornos interessantes aos associados produtores em função das bonificações que tem oferecido.

O cooperado de sementes é uma atividade consolidada, envolvendo em torno de 800 cooperantes espalhados pelas oito unidades da Cotrijuf na região, produzindo sementes de mais de 100 variedades e de 34 espécies diferentes. A produção de sementes é entregue nas cinco UBS da Cotrijuf, com a permanente representatividade dos cooperados através do Conselho de Produtores de Sementes. A este Conselho cabe a palavra final na hora das decisões referentes a adiantamentos, bonificações e investimentos realizados nas estruturas de recebimento. Todo esse envolvimento consolidado o esquema de produção como participativo e de bons retornos econômicos.

MÚTUOS

De soja, trigo, forrageiras...

O primeiro programa mútuo criado pela Cotrijuf foi o da soja, implantado em 1983 como consequência das mudanças ocorridas na área de crédito introduzidas através da famosa circular 706 do Banco Central. Essa circular determinou, na época, a desburocratização do crédito e, entre outras medidas, liberou o produtor de utilizar sementes fiscalizadas na formação de sua lavoura. A Cotrijuf, preocupada com a qualidade da semente a ser plantada — grande parte dela passaria, daquela data em diante, a ser guardada em casa — criou o mútuo de sementes. Pelo sistema poderia participar qualquer associado desde que quisesse assegurar semente para a próxima lavoura de soja. Só teria que assinar um contrato entregando produto indústria para a troca futura. Apesar do contrato ser feito pela ocasião da entrega do produto indústria, ele só recebe a semente na época do plantio da lavoura.

O programa funciona até hoje, apenas com algumas modificações nas suas regras, mas a receptividade tem sido muito grande. No primeiro ano de implantação participaram 494 associados, entregando um total de 45.410 sacos de produto indústria que foi trocado por 34.789 sacos de sementes. Já em 1984 o número de associados quase duplicou, passando para 966, recebendo um total de 57.493 sacos de sementes, o que representava 45,5 por cento do fornecimento total da semente de soja para os associados da Cotrijuf na Regional Pioneira. Em 1985 foram distribuídos 46.721 sacos de sementes dentro do programa de troca, representando 31,06 por cento do fornecimento total e, em 1986 o número alcançou 38.002 sacos de sementes, correspondendo a 26,4 por cento do total fornecido pela Cooperativa, aos seus associados. Nesse

ano já foram contratados 53.451 sacos de sementes, "o que nos dá uma previsão de 38,4 por cento", explica o João Miguel de Souza, agrônomo e gerente da área de Produção Vegetal da Cotrijuf na região.

A média destes últimos quatro anos do programa fica em 35 por cento, "significando que um percentual relativamente alto de sementes plantadas na região tem sido pelo sistema de troca". O valor da troca é de 65 quilos de sementes por 100 quilos de soja indústria. "A grande vantagem do sistema de troca-troca, segundo o João Miguel, é que o produtor estará garantindo uma semente de qualidade e de origem conhecida, podendo, inclusive, financiar a sua lavoura, o que nem sempre é possível quando o produto é armazenado em casa.

O TRIGO

O mais novo sistema de troca de produto indústria por semente está sendo implantado nesta safra de trigo. Mas para que o programa fosse implantado foi preciso que o Ctrin, o Departamento do Banco do Brasil que faz a comercialização do trigo, desse a sua autorização. A relação, neste caso, é um pouco diferente do mútuo da soja. Para cada 100 quilos de trigo indústria, o produtor que contratar nesse sistema, terá direito a reservar 60,24 quilos de semente. A estimativa para este primeiro ano, de acordo com o João Miguel, é de atingir 30 por cento da semente fornecida pela Cooperativa entre o seu quadro social.

FORRAGEIRAS/LEITE

Além do trigo, que é o programa mais recente, a Cotrijuf também implantou neste ano um sistema de troca de semente de forrageiras por leite e visa incentivar a produção de leite na região através da instalação de pastagens. Estão contempladas neste programa, tanto as pasta-

gens de inverno como as de verão, sejam elas anuais ou perenes. O programa também está aberto para a troca de mudas de forrageiras. Além da semente, o produtor que entrar no sistema de troca de produto por semente ou mudas de forrageiras, recebe o adubo e até o calcário para algumas espécies. Mas a semente só é repassada ao associado mediante um plano técnico.

O pagamento é feito de acordo com um calendário pré-estabelecido. A semente perene de verão, por exemplo, contratada em agosto e com pagamento em leite, parcelado em cinco vezes, já começará a ser paga em setembro. Mas a semente, no entanto, só será entregue por ocasião do plantio. "Os mútuos, assinala o agrônomo, têm a vantagem de não envolverem qualquer quantia de dinheiro. A moeda é o produto, no caso o leite".

SOJA/FARELO

É mais uma novidade para o produtor associado da Cotrijuf. Já a partir desta safra de soja que começa a ser plantada, ele vai poder trocar soja indústria por farelo de soja. Ele vai fazer a sua opção por ocasião da liquidação de seu produto e a retirada do farelo vai acontecer de acordo com suas necessidades. A relação, neste caso, é a seguinte: para cada 100 quilos de soja, o produtor tem direito a 85 quilos de farelo de soja.

Um outro programa, também novo, é o que envolve calcário financiado em troca de soja indústria. O programa, apesar de novo, já atinge 2.960 toneladas de calcário. A relação é a seguinte: por uma tonelada de calcário, colocado na propriedade, o produtor vai pagar dois sacos de soja. Quem preferir retirar o calcário no fornecedor, vai pagar 1,6 sacos de soja pela troca.

O mutirão do Arroio Três Negrinhos

Mesmo com a indefinição da Secretaria da Agricultura, em decidir qual o município que sediará a microbacia piloto do Rio Grande do Sul, as entidades rurais e produtores de Ijuí dão início ao trabalho de conservação do solo e de estradas ao longo do Arroio Três Negrinhos.

Reter toda água na lavoura, ampliar a área de plantio, fechar e evitar as vossorocas, reduzir os gastos públicos com restauração de estradas, além de evitar possíveis acidentes provocados pelos barrancos na beira da estrada. Estes são os objetivos que estão sendo realizados com a execução do projeto de conservação do solo da microbacia do Arroio Três Negrinhos, que abrange sete quilômetros da estrada que dá acesso ao CTC.

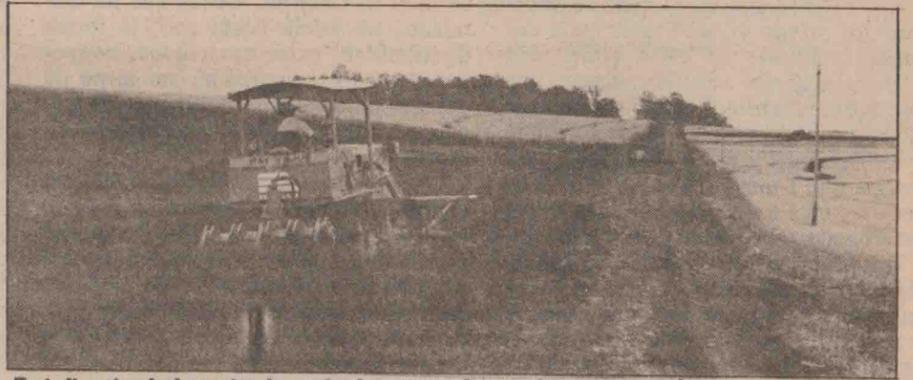
Partindo da Esquina Dutra, na Linha 6 Oeste, a idéia do projeto surgiu a partir do Programa Nacional de Microbacias, do Ministério da Agricultura que prevê a criação de oito projetos pilotos, dos quais um deverá estar sediado no Estado. Com a participação de 60 produtores, o projeto é coordenado pelas associações dos agrônomos, dos técnicos agrícolas e dos veterinários de Ijuí e executado pela Comissão Municipal de Agropecuária, da qual fazem parte profissionais da Cotrijuf, Emater, Prefeitura, Imeab, Casa da Agricultura, Senar, Imasa, Sindicatos Rurais, Unijuf, e instituições bancárias

que trabalham com carteira agrícola.

ENTUSIASMO

"Todos estão empolgados e colaborando com muito entusiasmo", afirma o técnico da Cotrijuf, Regional Pioneira, Pedro Pittol, que também trabalha junto aos produtores na construção dos terraços base larga em nível, em suas propriedades. Para canalizar a água da chuva até estes terraços, e conseqüentemente para toda a lavoura, está sendo realizado um trabalho de nivelamento da estrada, onde são utilizados uma niveladora, um trator e uma escavadeira da Prefeitura. Este maquinário, além de baixar os barrancos, que em alguns trechos chegam a medir três metros de altura, está construindo desaguadouros que permitirão a entrada da água na lavoura. Após este trabalho, explica Pittol, a pista da estrada receberá ainda uma camada de saibro e uma camada de cascalho nas laterais.

Com início no dia 26 de setembro, o trabalho de nivelamento da estrada com as lavouras e a construção



Trabalho de nivelamento das estradas para evitar os barrancos erosivos

dos terraços de base larga trarão muitas vantagens para o produtor. Segundo o técnico da Cotrijuf, o produtor ganhará mais espaço para plantar, tanto nas divisas da propriedade, como nos limites da estrada. Nestes locais, cerca de quatro metros estão deixando de ser cultivados, ao mesmo tempo que a erosão ganha terreno, pois o barranco não segurando a terra na lavoura, deixa o subsolo a descoberto.

TERRAÇOS

Começando pelo trabalho de base da estrada, o projeto é complementado pela construção dos terraços de base larga em nível, que permite o plantio com semeadeira e colheita com automotriz. Para isso os produtores estão seguindo um esquema operacional onde se inclui a gradagem, a subsolagem, o plantio e a colheita, também em nível.

Junto a todas estas práticas de construção dos terraços, Pittol faz questão de lembrar a importância da conservação da palha na lavoura, que completa os métodos de retenção da água na terra. Além disso, o técnico salienta a rotação de culturas, pois a sua prática ajuda a quebrar os ciclos de doenças provocadas por fungos e reforça a capacidade de radicação das plantas. Estas no entanto, não são as únicas vantagens do base larga. Com água retida na lavoura, o produtor poderá contabilizar um aumento de produtividade, uma vez que a terra conserva melhor a sua umidade, os insetos nela aplicados e as estiagens pouco afetam a produção. Além de contribuir para a preservação do meio ambiente.

MENORES GASTOS

Mas, a microbacia do Arroio Três Negrinhos não abrange somente os ganhos de produtividade e preservação do meio ambiente. O projeto permite também, uma redução nos gastos de conservação da estrada, realizada anualmente pela Prefeitura. De acordo com o Secretário de Obras e Saneamento de Ijuí, Sadi Strapazzon, a Prefeitura reduzirá 80 por cento dos gastos, nesta área. Segundo Pittol, a reestruturação desta estrada tem uma duração prevista para cinco anos, o que propicia a utilização dos recursos em outros setores sociais.

Primeiros terraços

O interesse pela conservação do solo e os benefícios que ela traz à lavoura, há muito tempo fazem parte da propriedade da Dona Jeni Werworm. Viúva há três anos, a proprietária de 90 hectares na Linha 6 Oeste, conta que o seu marido, já em 1980, se interessou pela prática do plantio direto, quando passou a plantar a soja na resteva do trigo. Isso, depois do casal visitar a propriedade de um cunhado, na cidade de Coronel Vivida, no Paraná, onde também conheceram os resultados dos terraços de base larga em nível.

Interada destas práticas de conservação do solo, Dona Jeni destaca a sua importância dizendo que "a gente não precisa usar máquinas de lavar e nem de herbicida". Mesmo sabendo das vantagens desta prática, o casal cometeu uns equívocos, que a levaram tempos mais tarde a construir os terraços. Como aparecessem alguns inços na lavoura, eles resolveram lavar toda a terra, conta a produtora. "Não pensamos em usar um produto para acabar com o inço, e por isso perdemos três anos de trabalho", pois os resultados do plantio direto aparecem aos cinco anos.

PARTICIPAÇÃO

Por causa destes equívocos e depois de algumas conversas com o Pedro Pittol, Dona Jeni passou a construir terraços de base larga na sua propriedade. Embora ainda não possa medir os resultados de produção, a produtora afirma "que muito da água não sai mais da lavoura". Por conhecer todas as vantagens do base larga, Dona Jeni foi uma das primeiras produtoras a se entusiasmar pelo mutirão de conservação do solo. Com dois quilômetros de sua propriedade acompanhando a estrada, a produtora nem pestanejou quando surgiram as primeiras propostas de trabalhar conjuntamente. "Participei das primeiras reuniões e me entusiasmei com o trabalho, que servirá para muito tempo, para meus filhos", diz ela lembrando os estragos da enxurrada no ano passado.

Além dos benefícios de "economia para a lavoura", com a substituição da colheita manual pela colheita direta com a máquina, a produtora também aponta a prevenção dos acidentes que os barrancos podem causar, não só aos agricultores como também às crianças. Interes-



Jeni Werworm

sada no projeto, a produtora mostra-se até preocupada com o término do serviço de terraceamento em sua propriedade, que inclui, além dos cinco quilômetros já realizados, mais dez quilômetros. "Estou um pouco apressada, porque temos que acompanhar o trabalho de nivelamento da estrada", explica, Dona Jeni, calculando os custos do combustível, que é o único gasto que o produtor tem neste projeto.

Contando com um arado e o trator para construir os terraços, Dona Jeni tem ainda outros planos para a conservação do solo de sua propriedade. Até hoje ela tem ocupado suas terras com trigo, soja e uma pequena parte de pastagens. Mas, para o próximo ano, ela quer ocupar toda a área dos terraços com sincho e ervilhaca, "que é uma forma de não perder a terra e fazer adubação de cobertura".

Prove que você é um agricultor técnico. Use Fusilade.

Fusilade é o mais eficiente herbicida de pós-emergência para o controle das gramíneas anuais e perenes que tanto prejudicam a sua soja.

Sua aplicação correta e planejada vem trazendo excelentes resultados para milhares de sojicultores brasileiros.

Seja você também um produtor técnico; não utilize os herbicidas em "operações de salvamento" de última hora. Planeje Fusilade para sua próxima safra e controle o mato com eficiência.

Com ele, você soma todas as vantagens da qualidade comprovada, mais a experiência da ICI no combate às ervas da soja.

Consulte seu agrônomo ou técnico agrícola e garanta sua produtividade.

Para o controle das ervas de folhas largas, use Flex.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719
São Paulo - SP



O mato merece.



As experiências paranaenses

Três prefeitos do oeste paranaense vieram a Ijuí para contar suas experiências na conservação de solos e diversificação da agricultura.

Mais de 300 pessoas, entre produtores, técnicos, prefeitos e vereadores da região, assistiram as palestras dos três prefeitos do Paraná sobre Política Agrícola e Conservação de Solos no município, realizadas no dia 19 de outubro, no auditório do Centro Administrativo do Parque Regional de Feiras e Exposições Assis Brasil e inseridas dentro das programações da III Expo-Ijuí e I Fenadi. O painel foi organizado pela Cotrijuf e coordenado pelo agrônomo e gerente do Centro de Treinamento, o Rivaldo Dhein.

O convite aos três prefeitos — de Mamborê, Ivatuba e Guarapuava —, surgiu depois que dois agrônomos da Cotrijuf — o Rivaldo Dhein e mais o Neuri Frosa, acompanhados do técnico agrícola Sadi Pereira, ouviram suas palestras durante o I Encontro Nacional de Manejo Integrado de Solos e Águas em Microbacias Hidrográficas, realizado em Toledo, Paraná, ainda neste ano. "Neste encontro, explica Rivaldo Dhein, ficamos conhecendo o trabalho que prefeitos de cinco municípios do oeste paranaense vêm desenvolvendo nessa área de conservação de solos e realinhamento de estradas, e achamos oportuno convidá-los para virem a Ijuí, durante as programações da Expo-Ijuí". Ele tem certeza de que o painel cumpriu sua finalidade, apesar de lamentar a falta de tempo para os debates entre palestrantes e participantes do encontro.

COMBATE À EROSIÃO

O primeiro painelistas foi o agrônomo e chefe regional da Acarpa — Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, João Nishi de Souza. Ele veio acompanhando o prefeito Ivo Brunetta, de Mamborê e falou sobre o trabalho integrado desenvolvido naquela região e que tinha apenas um objetivo: combater a erosão. Com essa idéia na cabeça, as forças do município, envolvendo produtores, técnicos e políticos, começaram a se organizar. "Havia um grande problema, explica o agrônomo, que todos estavam querendo resolver. A cada chuva intensa, as estradas ficavam intransitáveis e os produtores tinham dificuldades em fazer escoar a sua produção". João Nishi garante que pela topografia da região, pelo tipo de solo, não se justificava que o produtor continuasse jogando o excedente de água para fora da lavoura.

O trabalho começou com uma mudança de comportamento do agricultor, que foi conscientizado dos prejuízos que estava causando, não apenas para o município, como também para a sua propriedade. O programa prosseguiu com a readequação das estradas e a realização de trabalhos mecânicos em propriedades no interior do município. O trabalho de realinhamento das estradas e conservação de solos, segundo João Nishi, foi feito com muito boa vontade, mas sem qualquer recurso do Estado ou dos produtores, "nem por isso, em momento algum, diz ele, a Prefeitura deixou de atender outras obras do município". Hoje, garante, pode cair uma chuva de grande intensidade que não se vê mais a água correndo pelas estradas. Elas ficam retidas dentro das lavouras".

MUITAS DIFICULDADES

O prefeito Ivo Brunetta, de Mamborê, reconhece que foi obrigado a enfrentar alguns dificuldades para levar o programa adiante. "Os agricul-



Mais de 300 pessoas lotaram o auditório



João Nishi



Vanderley Santini



Ivo Brunetta

tores, conta ele, não acreditavam que o desbarrancamento das estradas fosse uma medida benéfica. Para salvaguardar seu trabalho, ele não hesitou em criar uma lei municipal para ser aplicada no momento em que algum agricultor quisesse impedir os trabalhos das máquinas da Prefeitura em sua propriedade. "A princípio, admite o prefeito, parecia que estávamos fazendo uma loucura, mas aos poucos, os agricultores foram percebendo os benefícios do nosso trabalho e passaram a brigarem conosco para que as máquinas fossem para as suas propriedades. Eles perceberam que não estavam mais perdendo água da lavoura e nem área de plantio.

O trabalho de realinhamento das estradas no município de Mamborê já beneficiou 600 quilômetros de um total de 1.000 quilômetros. O programa desenvolvido pela Prefeitura já atingiu 95 por cento das propriedades rurais. "Durante a semana, conta Ivo Brunetta, as máquinas da Prefeitura trabalham nas estradas. Aos sábados e feriados, elas ficam nas propriedades realizando trabalhos de construção de terraços de retenção". Ela cobra do produtor apenas o óleo gasto na operação. A única ajuda que o município teve do governo estadual foi de Cz\$ 10 mil e mais 30 mil litros de óleo. O prefeito reconhece que o trabalho de recuperação das estradas é mais oneroso e demorado e não acompanha o mesmo processo de

recuperação das propriedades rurais, mas de qualquer forma garante que é um trabalho que traz uma grande economia para o município.

CURVAS DE NÍVEIS

O agrônomo Vanderley Santini, da Acarpa de Ivatuba veio a Ijuí representando o prefeito municipal. Ele contou as experiências vividas no município desde o momento em que se começou a levar adiante um trabalho integrado de conservação de solos e de estradas. O trabalho teve início a partir de um diagnóstico dos problemas existentes e com a divisão do município em quatro microbacias, reunindo proprietários vizinhos. "Começamos construindo curvas de níveis e para tanto, observa Santini, contávamos com a ajuda da Cooperativa e da Acarpa. A Prefeitura Municipal entrou com as máquinas para a execução dos "terraços reforçados".

Mas foi a partir de 1982, quando o governo do Estado do Paraná lançou o programa de microbacias que o trabalho de conservação de solos e de estradas municipais ganhou reforço, "principalmente no aspecto financeiro", reconhece o agrônomo. Mas até chegar ao atual estágio que já atinge 250 quilômetros de estradas totalmente recuperadas, Santini conta que foi preciso muita reunião, conversa e mobilização dos agricultores. "Foi preciso mudar o sistema de preparo da terra,

explica ele, que era feito desde a cabeceira da estrada, descendo morro abaixo. A água da lavoura era toda jogada na estrada". Outro ponto abordado: o uso exagerado de agrotóxicos nas lavouras. "Mas hoje, reconhece Santini, felizmente o agricultor já tem uma nova postura. Ele já realiza o plantio em níveis, para evitar a erosão e a aplicação de agrotóxico foi reduzida para uma média de 1,5 aplicação por cultura. Antes ele chegava a fazer uma média de cinco a seis aplicações por cultura.

CUSTOS

A construção de curvas em níveis custam ao produtor, 31 litros de óleo. O trabalho de realinhamento das estradas tiveram custo zero para o produtor porque a Prefeitura arcou com todas as despesas. Além da economia para os cofres municipais, Vanderley Santini tem certeza de que o produtor é quem está colhendo os maiores lucros. E como exemplo ele cita o aumento na produtividade de soja e de trigo verificada depois que os agricultores se conscientizaram de que a terra é um patrimônio e que precisa ser conservada com vida. Até 1978 a média produtiva do município, para a soja, era de 1.600 a 1.700 quilos por hectare. Hoje o produtor está colhendo de 2.600 a 3.000 quilos. O trigo passou dos 700 quilos por hectare, nesse mesmo período, para uma média de 1.600 a 2.000 quilos.

Diversificação da produção

"A produção pela massa", essa foi a estratégia utilizada pelo prefeito Nivaldo Krüger, do município de Guarapuava, para levar adiante o seu programa de diversificação das atividades agrícolas. Ele veio a Ijuí para falar sobre esse trabalho que vem tocando já há quatro anos e aproveita a oportunidade para fazer uma crítica a inexistência de um programa agropecuário no país.

Conta que logo que assumiu a Prefeitura, se deparou com um problema muito sério: o empobrecimento da agricultura. "Não havia mais fatura. Os agricultores tinham deixado de plantar os alimentos básicos para se voltarem para a soja". Tentando combater essa situação, ele criou um programa envolvendo o desemprego, a geração de empregos, a fixação do homem ao campo e proporcionando melhores condições de vida a população rural.

UM CENTRO AGROPECUÁRIO

Criou um Centro Agropecuário, onde reuniu todos os técnicos do município, atualmente em torno de 115. "A primeira medida que tomamos, conta o prefeito, foi tratar de alimentar todas as concorrências e paralelismo. Feito isso, criamos o grupo chamado de "Planalto Verde", sob a coordenação da

Prefeitura. Para dar suporte aos 21 programas sustentados pelo município, Nivaldo Krüger criou uma legislação que carrega todos os recursos do Imposto Territorial Rural para os diferentes programas desenvolvidos, que vão desde a ovinocultura, fruticultura, a educação, a saúde, a pecuária de leite, até o incentivo a pesquisa, eletrificação rural, entre outros.

O prefeito Nivaldo admite que para tocar seu projeto adiante, sem qualquer concorrência, teve de usar de uma estratégia: a da produção pela massa, envolvendo no trabalho, muitas pessoas dos diferentes órgãos do município. O resultado desse trabalho pode ser medido pelo número de pessoas que hoje já começam a retornar para o campo. "Todos os municípios da região, conta, perderam população rural nesse meio tempo. O meu, no entanto, ganhou em dois por cento. Mais de 400 produtores que estavam morando na cidade, estão retornando para o campo. Assegura que essa é a maior prova de que um programa de agropecuária bem desenvolvido pode despertar o interesse dos produtores rurais.

Entre os projetos ele destaca o da erva-mate pelo sentido social que dá ao muni-

cípio. São mais de 200 hectares com erva-mate ocupando terrenos íngremes e que dão empregos a mais de 100 pessoas. "A renda deste programa, diz, é superior quatro vezes a da soja. Para dar suporte a atividade foi criado um viveiro — já distribuiu mais de três milhões de mudas e uma indústria no interior do município. Ela emprega mais de 400 pessoas.



Nivaldo Krüger

"A nossa proposta, diz o prefeito de Guarapuava, está calcada na diversificação da produção, industrializando tudo o que se produz no município. Essa é a idéia da diversificação pela massa. Todos envolvidos e trabalhando por uma mesma causa".

O Incra troca de nome

Junto com a extinção do órgão, a disposição presidencial de deixar a raposa cuidando das galinhas.

Promessas não cumpridas sempre foram os resultados apresentados pela proposta de reforma agrária do governo. Agora, porém, os números que atestam esta afirmação, se confundem com algumas medidas, como as decretadas pelo presidente José Sarney, no dia 23 do mês passado. Entre as medidas está a extinção do Incra, que passou a se chamar Instituto Jurídico das Terras Rurais, encarregado de promover a desapropriação judicial das terras rurais, assistir ao Mirad na arrecadação e discriminações judiciais das terras públicas e promover a apuração, inscrição e cobrança dos tributos relacionados com a reforma agrária.

Em segundo lugar, o governo determinou que apenas 2,5 por cento dos proprietários que detêm cerca de 50 por cento das terras agricultáveis do país serão atingidos pelas desapropriações, o que segundo o ministro Jáder Barbalho, exclui 97,5 por cento dos pequenos e médios proprietários rurais. Por ocasião do decreto, o presidente também enviou ao Congresso, uma mensagem para a liberação de 100 milhões de Títulos da Dívida Agrária, que equivalem a 212 bilhões de cruzados, os quais, de acordo com o presidente, permitirão o assentamento de um milhão de famílias.

LIMITES

O decreto presidencial cria ainda o direito real de uso e o direito de reserva, do qual, pelo primeiro, o assentado poderá obter créditos para produzir, mas não poderá desviar a área da sua função agropecuária. Pelo segundo, o proprietário pode invocar o seu direito de reserva até 30 dias, caso a sua terra não ultrapasse os 10 mil hectares. Esta desapropriação, no entanto, dá ao proprietário, o direito de ficar com 25 por cento de sua propriedade, correspondente as benfeitorias, e torna automática a imissão de posse pelo governo, para que ele promova assentamentos.

A última medida diz respeito a fixação das áreas que não podem ser desapropriadas como terras improdutivas. Pelo decreto, a propriedade rural na região Norte, continua sendo de até 1.500 hectares, 1.000 hectares e 500 no Nordeste e até 250 hectares no Sul e Sudeste. Além disso, ficou estabelecido que a concessão de incentivos fiscais a projetos agropecuários estará condicionada a transferência de 10 por cento da área beneficiada para o Mirad utilizar em assentamentos.

RETROCESSO

Na opinião do Movimento dos Sem Terra, as medidas decretadas pelo



Promessas demagógicas não convencem esta população

presidente representam "mais uma jogada política em cima da opinião pública para impedir qualquer mudança". A começar pela extinção do Incra, que não é nenhuma novidade. Afinal, analisam os colonos, "desde 62, o Incra já foi Supra, Ibra, Inta e agora será Inter". Ao contrário do que diz o ministro Jáder Barbalho, de que a substituição do órgão pela superintendência do Mirad, vai agilizar as desapropriações, o Movimento afirma que a extinção do Incra, significa um retrocesso administrativo, pois, vinculado diretamente ao Ministério, o Inter não terá agilidade necessária e ainda vai gerar mais burocracia e mais insatisfação entre os funcionários.

Mas este é apenas um lado da questão. Para o Movimento, o mais grave retrocesso está na proibição de desapropriar qualquer "área em produção". "Ora, em outubro de 85, Sarney já havia dado argumentos jurídicos suficientes para os latifundiários emperarem a reforma agrária, quando especificou os latifúndios produtivos". Isso já era uma aberração técnica, pois latifúndio por definição já é improdutivo. Agora, de acordo com o Movimento, "todo mundo vai provar que ter meia dúzia de cabeças de gado em mil hectares significa estar em produção".

O golpe fatal, no entanto, está na determinação de que as desapropriações não excederão 75 por cento do total da propriedade, o que dá direito ao proprietário escolher 25 por cento da área. "Isto só serve para aumentar os conflitos, assegura o movimento, explicando que a residência do antigo proprietário no meio do assentamento, dá o direito dele ficar com as melhores terras, sem falar nos atritos provocados pelo enfrentamento dos jagunços com os colonos. "É a mesma coisa que deixar a raposa cuidando das galinhas confinadas num canto do galinheiro", analisam os colonos.

Se nestes dois pontos o recuo é grande, as determinações governamentais em relação ao limite mínimo de desapropriação não chegaram a desagradar tanto os colonos, porém reforçam uma antiga reivindicação: proibir a desapropriação somente abaixo de 500 hectares, mas em todo o país. Com isso, dizem os colonos. "Vamos evitar

aberrações que o próprio Incra cometeu ao desapropriar áreas de 100, 200 e 300 hectares, no Paraná e Santa Catarina", explicando que este tipo de ação serve apenas pra inviabilizar os projetos de assentamento e dar argumentos para a UDR amedrontar pequenos agricultores dizendo que a reforma agrária tiraria a terra deles.

DEMAGOGIA

Já a intenção do governo em assentar um milhão de famílias, com 100 milhões de TDAs, é vista pelo Movimento como "pura demagogia". A declaração dos sem terra se baseia no cálculo dos valores que o Incra vem pagando pelas desapropriações e benfeitorias, que equivalem ao preço do mercado e não ao valor declarado pelo proprietário para efeito de imposto. Finalizando, os colonos afirmam que este dinheiro daria somente para desapropriar dois milhões de hectares, que na média de mil hectares por proprietário, assentaria no máximo 100 mil famílias. O que fica muito longe da meta de Sarney.

As últimas promessas

Depois do grande conflito entre UDR e os colonos da Annoni, ocorrido na Fazenda São Juvenal, em Cruz Alta, no mês de julho, o governador Pedro Simon resolveu interceder junto ao Mirad para apressar a liberação de TDAs, e chegou a formar duas comissões, uma de vistoria e outra de negociações, formadas pela Secretaria da Agricultura, Incra, Procuradoria Geral do Estado e Movimento dos Sem Terra. Pressionado pelas 1.170 famílias que ainda se encontravam na Annoni, o governador, na época, prometeu que seriam liberados 9.100 hectares em áreas do próprio Estado.

Da promessa feita em agosto, muito pouco foi cumprido, pois os colonos receberam apenas 515 hectares, em Gualba, onde foram assentadas 33 famílias e mais 235 hectares, em Itaqui, onde instalaram-se 13 famílias. Descontentes com os resultados e com a morosidade histórica dos trabalhos das comissões, os colonos se retiraram das comissões e no dia 13 de outubro, tomaram uma atitude. Ao mesmo tempo, 27 famílias ocuparam a estação experimental da Secretaria da Agricultura, em Nova Prata, 20 famílias, a Estação Experimental de Júlio de Casti-

lhos e 20 famílias, 613 hectares do Instituto de Carnes do Estado, arrendados pela Cooperativa Rural Serrana de Tupanciretã.

Além dessas terras, 23 famílias ocuparam a reserva florestal de Rondinha, na qual, 400 dos seus dois mil hectares já haviam sido indicados pelo governo estadual para reassentamento dos sem terra. Em Canoas, 17 famílias ocuparam ainda parte da Fazenda do Banco Meridional, que também estava sendo negociada para reforma agrária.

Reagindo a ação dos colonos, o governo retirou as famílias de Nova Prata, Tupanciretã e Rondinha. Entretanto, em Júlio de Castilhos e Canoas, os colonos permanecem até hoje, pois a reintegração de posse solicitada pelo Estado, ainda está sendo discutida na justiça. Neste meio tempo, os colonos continuam a pressionar o governo, que por sua vez, tem reivindicado a liberação de recursos junto ao Mirad. Na última reunião entre Fetag, Sindicatos e governo, realizada no final do mês passado, os colonos receberam mais uma promessa, a liberação para em breve, de dois mil hectares, em locais ainda não revelados, para os quais o governo do Estado conseguiu 500 milhões em TDAs.

Não queime a sua soja. Aplique Flex.

As ervas de folhas largas estão atacando a sua soja.

E depois que elas aparecem, você precisa de Flex: certeza de segurança para a soja e controle do maior número de ervas.*

Flex pode ser aplicado nos estágios iniciais da soja.

Por tudo isso, está na hora de Flex.



*Ervas: Amendoim-bravo, Picão-preto, Caruru, Corda-de-violão, Carrapicho-rasteiro, Quinquilho, Beldroega, Nabo, Picão-branco, Trapoeraba, Serralha, Erva-quente, Joá-de-capote, Poaia-branca, Maria-pretinha, Joá, Carrapicho-de-carneiro.

Com Flex, as ervas vão e a soja fica.



ICI Brasil S. A.
Divisão Agrícola
Rua Verbo Divino, 1356 - CEP-04719
Tel. (011) 525-2322 - São Paulo - SP.

ARROZ

Lavoura estacionária

A falta de bons preços e de água tem limitado a expansão da lavoura.

Dom Pedrito é tradicional produtor de arroz. A orizicultura conhece as várzeas pedritenses desde a década de 50, quando os primeiros colonos procedentes de Cachoeira do Sul, Restinga Seca, Dona Francisca, Vale do Rio Pardo e São Sepé, se instalaram no município. Eles eram descendentes de italianos, alemães e poloneses, entre outros.

É claro que muitos foram diversificando as atividades. A pecuária foi a principal derivante em que ampliaram os horizontes empresariais. E com a mesma abnegação para o sacrifício de produzir e o capricho de fazer o melhor com que se empenharam às lavouras do passado, eles prosseguem acumulando vitórias na trabalhosa arte da pecuária.

NO LIMITE DO ESPAÇO

Mas o arroz parece ter chegado ao limite de sua expansão. Faz muitos anos que a área cultivada está estagnada em 25 mil hectares de lavoura, somando crescimento apenas na produtividade. Há uma crescente preocupação entre os técnicos e demais setores interessados, que vêem nessa limitação do espaço físico a própria estagnação da economia do município.

O chefe do escritório do Irga (Instituto Riograndense do Arroz) em Dom Pedrito, engenheiro agrônomo Eloy Cordero, diz que o município planta em torno de 25.500 hectares por safra, e que esta área não se altera desde o ano de 1978. Diz que o principal motivo é a falta de água de irrigação. Os bons locais para a construção de barragens a nível de propriedade, segundo o técnico, já foram feitas. Para um aumento de área de plantio ele vê como única solução a construção de algumas das barragens previstas no Plano Bourscheid, catalogadas em número de 14.

Cordero assegura que a cultura do arroz é a principal atividade econômica e social de Dom Pedrito, pelo grande volume de recursos que produz e pelo envolvimento que a população tem com a atividade.

O município possui excelentes terras adaptadas para a cultura do arroz. São várzeas de média e boa fertilidade. Por isso que a produtividade média é de 5.000 quilos por hectare, que é semelhante às médias dos países mais adiantados nessa cultura. Como se vê, o município alcançou um patamar de produtividade bastante elevado. A partir daqui — enfatiza Eloy Cordero — o aumento da produção somente será alcançado com o aumento da área plantada.

O município possui capacidade de armazenagem para toda a produção colhida. No momento está sendo cultivada a safra de 87/88. As maiores dificuldades enfrentadas pelos produtores são os altos custos dos insumos e serviços que a lavoura exige. O agrônomo disse que vários agricultores reduziram áreas de plantio em função desses altos custos e pela não correspondência no preço de venda do produto a nível comercial. Eloy Cordero espera que o governo melhore o preço do produto, sob pena de desestabilizar o setor, com funestas conseqüências no âmbito social.

TERRA DIFÍCIL DE OBTER

O gerente técnico da Cotrijuf, agrônomo Ademar João Rosso, é da mesma opinião. Prevê que a tendência é de que a área se mantenha em torno dos 25 mil hectares. Mas além do fator água, que é realmente limitante da ex-

pansão do arroz, ele inclui também a terra. E a prova é que também as culturas do seco estão estacionárias, e por vezes se reduzem.

Não se pode ignorar que a maior parte da agricultura pedritense, em todos os seus níveis, é cultivada sobre terra arrendada. Mas o técnico afirma que a soja vai sentir uma reação expansionista em relação a safra passada, devendo situar-se provavelmente em área de 13 a 15 mil hectares.

UMA LAVOURA CARA

Gentil Possebon planta em terra arrendada. Sua empresa, a Agropecuária Possebon, produz em dois locais: na região do Ponche Verde, em Dom Pedrito e no Upamaroti, 2º distrito de Livramento. Ele trabalha, em média, com 50 quadras de arroz, 200 hectares de soja e 100 hectares de trigo.

De todas as lavouras, diz o empresário, a que oferece maior segurança é a do arroz, desde que se tenha água suficiente para a irrigação. É uma

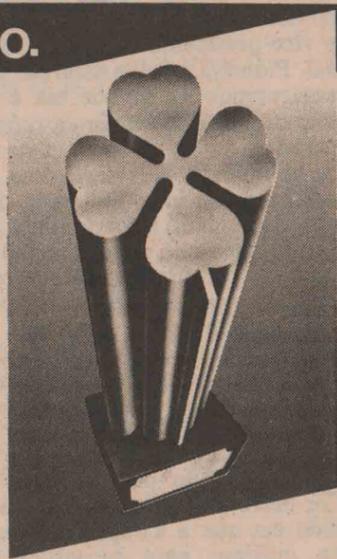


A área de arroz não se altera desde 1978

lavoura cara, que exige maiores custos até sua formação, mas se for bem cuidada sempre responde com resultados satisfatórios. A preocupação que se coloca, disse Gentil, é com relação ao preço, "pois nunca se sabe as intenções do governo".

12 de outubro. Dia do Engenheiro Agrônomo.

No dia do Engenheiro Agrônomo, muita gente merece Destaque.



Para isto, Adubos Trevo, juntamente com a FAEAB e Associações Estaduais de Engenheiros Agrônomos, instituiu o Destaque Agrônomo Adubos Trevo. Através desta homenagem, única do gênero no setor, a cada cinco anos são premiados os profissionais de cada estado e território brasileiro, que tenham se destacado, pela contribuição para o aumento da produtividade agrícola do país.

Hoje, toda a categoria merece destaque, por sua competência, trabalho e seriedade.

Este prêmio foi a forma que Adubos Trevo, FAEAB e suas filiais encontraram para promover e divulgar, de forma objetiva, o trabalho destes profissionais que fazem, do campo, uma fonte a mais de riquezas para o país.



FÁBRICA DE RAÇÕES

Compromisso com os associados

Instalada junto ao complexo sede, a nova unidade industrial da Cotrijuf já está trabalhando com mais de 20 produtos. A conquista de novos mercados vai acontecer através de revendedores e pelo atendimento das necessidades de algumas coop

"A nova Fábrica de Rações é mais uma indústria que estamos instalando, buscando o melhor aproveitamento da matéria-prima produzida pelos nossos associados da região", destaca o vice-presidente da Cotrijuf na Regional Pioneira, Celso Bolfvar Sperotto, assegurando ainda que ela é fruto da tomada de consciência da própria Cooperativa em reconhecer a necessidade de se investir mais nesta área. "Ao investirmos na industrialização da produção da região, reforça ainda, estamos não só buscando novos mercados, como também procurando melhor remunerar os nossos produtores associados".

Apostando na qualidade dos produtos produzidos e que já são do conhecimento do quadro social consumidor, Celso Sperotto diz que as rações e concentrados Cotrijuf vieram preencher um espaço no mercado regional que vinha sendo ocupado por produtos de fora. Por outro lado, ele acredita que na medida em que a Cooperativa se esforça ao máximo para incentivar e levar adiante um processo de diversificação da produção, ela tem o compromisso de oferecer segurança. E esse compromisso se resume na busca de novos mercados para essa produção. A indústria, na sua opinião, é uma safada, não apenas

para melhor aproveitar toda essa matéria-prima produzida, mas também para colocar no mercado essa produção.

A Fábrica de Rações Cotrijuf, instalada junto a sede administrativa, em Ijuí, tem uma capacidade de produção para 4.500 toneladas de produto. Ela foi adquirida pela Cotrijuf em 1981, na época em que foi criada a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, localizada no município de Júlio de Castilhos. Com a reestruturação da CCGC, a Cotrijuf decidiu transferir a indústria para Ijuí.

INSUMOS MAIS BARATOS

Para o diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuf na Região, Clóvis Rorato de Jesus, o objetivo básico da Cooperativa ao instalar essa nova indústria de rações é o de possibilitar ao produtor trabalhar com insumos mais baratos, mas de qualidade. "Essa é a grande meta dessa unidade industrial, disse ele em seu pronunciamento durante os atos de inauguração da nova Fábrica.

Para assegurar a qualidade das rações e concentrados, a Cotrijuf vem constituída uma equipe de trabalho formada por profissionais altamente competentes. Esses profissionais, que vão atuar via computador e com auxílio de

um laboratório de análises industriais serão os responsáveis pela garantia de qualidade tanto da matéria-prima a compor as formulações como do produto final, apto a ser colocado no mercado.

Justificando a necessidade desta

nova unidade industrial, o diretor de Operações e Comercialização lembrou que nos momentos de pique de consumo de rações e concentrados, a antiga unidade, com capacidade de produção de 900 toneladas mês, não conseguia

A qualidade sob controle

A qualidade de um produto é condição essencial para que ele tenha uma boa aceitação no mercado consumidor. E é dentro desta linha de pensamento que a Cotrijuf passa a trabalhar com suas rações e concentrados na linha de suínos, de aves de postura e de corte e na linha de gado de leite e de corte. Um projeto para ser tocado mais adiante é o de entrar na linha de rações para cavalos e peixes. "A nossa preocupação, destaca o agrônomo e responsável técnico pela Fábrica de Rações, o João Klohn, é o de oferecer um produto de qualidade a um preço justo".

Essa qualidade, da qual o João Klohn fala, foi testada e comprovada a nível de campo, muito antes da Cotrijuf lançar o produto no mercado. Ele conta que durante 10 semanas, 960 galinhas de postura comercial, receberam como alimento rações Cotrijuf. O teste foi concluído com a produção atingindo o nível genético das aves, "o que nos dá garantia de que estamos produzindo um alimento de qualidade.

O CONTROLE DA QUALIDADE

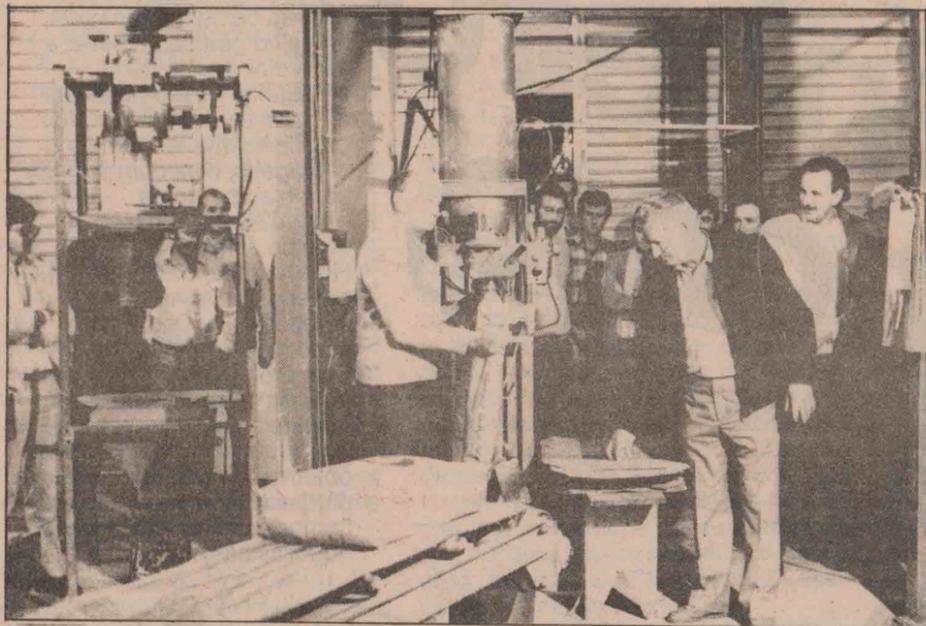
O teste com as aves foi apenas o primeiro passo para o controle da qualidade das rações e concentrados Cotrijuf que passa, de agora em diante, a ser avaliado por computador e por um laboratório de análise industrial. Esse controle de qualidade das rações, de acordo com o responsável técnico, será permanente e feito em quatro etapas bem distintas, começando pela formulação das rações via computador. Numa segunda etapa vem o controle dos ingredientes a serem usados nas formulações,



Produto sob rígido controle

passando para um acompanhamento do processo industrial que deve estar sempre dentro das normas técnicas. Por fim, é feito o controle de qualidade do produto final.

O laboratório industrial é fundamental para que esse controle seja sistemático. "Um bom produto dá uma ração de qualidade", diz a laboratorista industrial, Inoila Zaltron, que há 23 anos atua no laboratório industrial da Cotrijuf. O laboratório vai dar a palavra final em relação a qualidade do produto. Ele vai verificar os níveis de proteína bruta, das fibras brutas, de gordura, a matéria mineral, o cálcio e o nível de fósforo das matérias-primas a serem usadas nas formulações. "É claro, observa o João Klohn, que essa qualidade será medida, também, pela resposta do produtor que deverá ser dada através de uma maior procura destes produtos".



Jaime Wender e Oscar Hoerle: os primeiros ensaios de ração

PLANTIO DIRETO É CARO? COM GRAMOCIL NÃO É.



DEFENDA-SE DO MATO



ICI Brasil S.A.
Divisão Agrícola
Rua Verbo Divino, 1356 - CEP: 04719
Tel: (011) 525-2322 - São Paulo - SP.



prir as necessidades de demanda do quadro social. A própria expansão do programa cooperado de suínos, que hoje já envolve mais de 890 associados na região e um rebanho de 30 mil animais, vinha exigindo uma reformulação nessa área. "A capacidade de nossa antiga unidade estava totalmente superada, reforça o gerente de produção das fábricas de Rações e de Óleo da Cotrijuf, o Élio Rakoski.

Além de atender as necessidades do quadro social, a nova Fábrica de Rações vai possibilitar que a Cotrijuf atinja um outro mercado: o de terceiros. "A procura por parte de terceiros sempre foi muito grande", esclarece Rakoski, mas em função da pequena capacidade de produção da antiga unidade, nunca pudemos suprir essa necessidade". Mas com a instalação da nova Fábrica, a Cotrijuf já está abrindo essa comercialização. Os produtos, mais de 20 e atingindo as linhas de suínos, aves de postura e de corte, gado de leite e de corte estão sendo colocados à venda nas lojas Cotrijuf — 26 em toda a Região Pioneira e também em Dom Pedrito, atendendo as necessidades de outras Cooperativas da Região.

A primeira Cooperativa a trabalhar com as Rações Cotrijuf foi a Cotrimaio, de Três de Maio, mas logo em seguida vieram ainda a Cooperativa Mistá de Candeia, localizada no interior de Santa Rosa e a Cooperativa Agrícola Timbó Ltda, de Guarani das Missões.

Além destas cooperativas, a Cotrijuf conta com o trabalho de vários revendedores localizados nos municípios de Santo Ângelo, Giruá, Catufpe, Rodeio Bonito, Caibaté, Boa Vista do Buricá e Bossoroca. Em Ijuí, as Rações Cotrijuf podem ser encontradas nas lojas da Cooperativa e em duas casas comerciais: Agrícola Girassol e em Oswaldo Neri do Carmo.

BEM ACEITO

Mesmo que esteja trabalhando há pouco mais de um mês com terceiros, Rakoski diz que as rações produzidas pela Fábrica de Rações da Cotrijuf vêm sendo muito bem aceitas por esse novo consumidor". Nós estamos trabalhando com produto de qualidade, produzido dentro da mais alta tecnologia. A matéria-prima, o milho, o sorgo, o farelo de soja, o farelo de arroz — produzido pelos associados da Regional de Dom Pedrito — passam por um rígido controle de qualidade para resultar num produto final de aceitação no mercado. "Sabemos, que a penetração de nossos produtos no mercado regional vai depender da sua qualidade e é nisso que estamos investindo", diz Clóvis Rorato de Jesus.

Mas assim como existem projetos de, mais adiante a Cotrijuf vir a trabalhar com rações para cavalos e peixes, ela também já está realizando estudos para saber da viabilidade de se usar farelo de colza, de linhaça e de girassol na formulação de alguns produtos.



Oswaldo Meotti: a indústria inserida dentro do processo de desenvolvimento da região

Presença na Retomada de Ijuí

"Essa indústria é de fundamental importância para a Retomada do Desenvolvimento e do crescimento da área animal na região", declarou o diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Olmiro Meotti ao falar da nova Fábrica de Rações Cotrijuf durante a sua inauguração, que ocorreu no dia 14 de outubro, dentro das programações oficiais da III Expo-Ijuí e I Fenadi. Com capacidade para 4.500 toneladas/mês, a Fábrica de Rações Cotrijuf, instalada junto ao complexo sede, vai operar com praticamente 100 por cento de matéria-prima produzida na região, por associados da Cooperativa. "Só vamos buscar fora aqueles produtos que não existirem na região", ressaltou o diretor presidente tentando mostrar que a indústria poderá transformar a soja, o milho, o sorgo em rações, aproveitando ainda farinha de osso, proveniente da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes e a casca de arroz, oriunda da Regional de Dom Pedrito.

Lembrou, na ocasião, que a Cotrijuf tem-se caracterizado pelo expansionismo, pela agressividade de mercado e pelo desmembramento de áreas. Disse que ela também sofreu os reflexos da virada que aconteceu com o trigo e com a soja. Mas garante que hoje ela já trilha por outros caminhos, buscando a diversificação na propriedade e priorizando a agroindústria. "Essa é uma área prioritária, disse ele citando como exemplo concreto dessa caminhada a CCGC, instalada em Júlio de Castilhos e servindo de suporte para a suinocultura da região. Foi justamente a partir da CCGC e do programa cooperado implantado pela Cotrijuf no início do ano passado, que a suinocultura é uma atividade quase que praticamente recuperada na região. Exemplificou essa recuperação comparando os números de animais abatidos durante o ano passado — 18 mil cabeças — com os 51 mil animais já abatidos neste ano. "Essa reversão na suinocultura, disse mais, é uma das causas da recuperação financeira".

Ainda falando sobre a importância do processo de diversificação da produção na região, Meotti disse que a Cotrijuf deverá receber, em seus armazéns, apenas neste ano, um milhão e 100 mil toneladas de grãos. A Regional de Mato Grosso vai contribuir com 60 por cento dessa produção, a Pioneira com 30 por cento e a Regional de Dom Pedrito com 10 por cento. "Mas em termos de

faturamento global, a Regional Pioneira deverá superar a Regional de Mato Grosso", disse ele, destacando que isso tudo porque a região vem trabalhando numa economia de escala. "É o somatório das pequenas coisas, e temos certeza que à medida em que formos ampliando a área industrial e comercial, teremos condições de avançar ainda mais".

Esse avanço na área de diversificação vem ocorrendo segundo o diretor presidente da Cotrijuf em razão dos programas cooperados, "em que a Cooperativa fornece rações e orientação técnica num esquema de troca-troca. "A mesma inflação que o produtor tem em cima do preço do suíno, é a que aplicamos em cima da ração fornecida".

Meotti disse que a instalação da Fábrica de Rações em Ijuí aconteceu porque tanto a direção como o quadro social e funcional entenderam que ela estaria inserida dentro do espírito de Retomada pelo Desenvolvimento da economia regional. Agradeceu ao poder público municipal pelo apoio, ao quadro social pela compreensão e ao quadro funcional pela dedicação e persistência.

O professor e presidente da Comissão Central da III Expo-Ijuí e I Fenadi, Adelar Francisco Baggio parabenizou a direção, quadro social e funcionários pela construção da nova fábrica, dizendo já conhecer, desde os tempos de ex-reitor da Uni-juí, o trabalho que a Cotrijuf vem desenvolvendo na região. "A Cotrijuf, destacou, não fala pela televisão, nem pela imprensa, mas fala pelos números e por fatos. Quem quiser conhecê-la trabalhar, deve se aproximar dela com respeito e trabalhar junto". Ijuí e região só tem um caminho a seguir, segundo Baggio: o da diversificação da agropecuária, "que desencadeará todo um processo industrial, agroindustrial e, por consequência, comercial, e cultural".

O prefeito de Ijuí, Wanderley Burmann, lembrou que o trabalho da Cotrijuf na região não fica restrito apenas a instalação desta nova indústria, mas em tantos outros projetos que já apresentou e vem levando adiante. "Entendemos que a Cotrijuf, Regional Pioneira, tem um compromisso muito grande com Ijuí, disse ele, ressaltando a necessidade da instalação de um frigorífico no município. "Pensamos que Ijuí só terá uma grande perspectiva de progresso e desenvolvimento com uma indústria deste porte, que não seja construída por grupos exploradores, mas com a Cotrijuf, que é da região".



A nova Fábrica de Rações tem uma capacidade de produção para 4.500 toneladas/mês



Celso Sperotto

A primeira foi em 1967

Trabalhar com rações balanceadas para uso animal não é nenhuma novidade para a Cotrijuf. É uma área em que ela opera há mais de 20 anos, quando começou a funcionar a primeira indústria de óleo vegetal. Mas a fábrica de rações, no entanto, só foi construída em 1967, operando de forma improvisada, quando a produção era feita com a utilização de um moinho-martelo e um misturador de adubo.

Mas o ingresso da Cotrijuf na área de produção de rações e concentrados tem uma história por trás, que até hoje é lembrada. Ela começou a produzir rações incentivada por um projeto de desenvolvimento animal promovido pela Aliança para o Progresso e que fazia muito sucesso na época, mas que tinha outros objetivos por trás. Contam que na época sobrava sorgo nos Estados Unidos e ele não sabia que destino dar ao produto.

Aproveitando os navios que vinham para o Brasil buscar minérios e outros produtos, ele resolveu mandar esse sorgo aos brasileiros, que só tinham que pagar o frete.

Aqui na região, estes projetos foram desenvolvidos em Ijuí, Santo Ângelo e Santa Rosa. O sorgo era industrializado, transformado em ração e vendido aos produtores. E foi com o dinheiro destas vendas que a Cotrijuf construiu a primeira Fábrica de Rações, que até a pouco tempo atrás atendia, de forma precária em função de suas condições de produção, as necessidades do quadro social. Tirando os interesses que vieram por trás — dependência de tecnologia, entre outros — a verdade é que esse projeto foi oportuno para a Cotrijuf e possibilitou que ela ingressasse numa nova área de prestação de serviços aos associados.

Como evitar doenças nos suínos

Entre as principais doenças que atacam os suínos, as diarreias merecem toda a atenção porque trazem prejuízos para todo o rebanho.

Manejo adequado e boa alimentação. Estes são cuidados fundamentais que se deve ter com os suínos, para evitar o surgimento de doenças, principalmente as diarreias, que podem trazer sérios prejuízos ao rebanho. Mas, além das diarreias, o rebanho de suínos, o mais numeroso da região, também está sujeito a outras enfermidades como as doenças de pele, ou mesmo as respiratórias. Para evitar prejuízos maiores à produção, é necessário que o produtor conheça bem os sintomas e as várias maneiras de combater estas doenças.

De acordo com a Susana Cardoso, que é veterinária da Cotrij, Regional Pioneira, o produtor deve estar atento para a M.M.A. (Mastite-Metite-Agalaxia), uma doença que ataca as porcas nos primeiros dias após o parto. Causada pela falta de uma alimentação adequada ou mesmo por um distúrbio individual, esta enfermidade tem consequências mais graves porque a porca perde o apetite, tem febre e não produz leite necessário aos leitões, que começam a emagrecer, têm frio, diarreia e podem até morrer.

Para tratar os animais afetados pela M.M.A., Susana indica um antibiótico específico e uma ração apropriada para a porca. Mas é bom tomar alguns cuidados, como o de não inquietar as porcas quando estão amamentando, enxertar os leitões em outra porca ou ainda tratá-los com mamadeiras, se a mãe não puder amamentá-los. No entanto, não é somente a M.M.A. que provoca diarreia nos leitões.

DIARRÉIAS

A chamada "diarreia da 1ª semana", por exemplo, que ataca os leitões com esta idade, tem como causas, não só a M.M.A., como também as sujeiras das instalações, a falta de



Prevenir a mastite na mãe evita a diarreia nos filhotes

aquecimento, a umidade nos chiqueiros e as trocas bruscas de temperatura. Como sintoma, o produtor pode verificar que os leitões apresentam diarreia aquosa, geralmente esbranquecida, frio e morte rápida.

Com um pouco mais tempo de vida, os leitões podem ser atacados pela "diarreia do 7º ao 30º dia", que é provocada pelos mesmos fatores da primeira, mais a má distribuição da ração inicial (forma e quantidade errada). Quando têm essa enfermidade, os leitões não se desenvolvem normalmente e apresentam uma diarreia pastosa às vezes quase cremosa, de coloração branca, amarelada ou escura, com sangue. Se estas duas doenças já ameaçam o pequeno rebanho, a "diarreia do desmame", que ocorre cinco a 15 dias após o desmame, provoca a morte dos leitões em grande número. Segundo a Susana, esta diarreia pode ser causada pela ansiedade dos leitões, quando eles são separados da mãe e também pelo fornecimento de muita ração aos animais que não estão acostumados a comê-la. Além da morte súbita e da diarreia, o produtor pode perceber um certo nervosismo e o inchaço dos olhos dos animais.

O último tipo de diarreia apontado pela veterinária, é da "recria ou da terminação", que não tem uma ocorrência muito comum e nem sempre provoca a morte dos animais. Causada pela contaminação por bactérias específicas, esta doença tem como sintoma uma diarreia acinzentada brilhante e uma mortalidade variável.

TRATAMENTO

Como a maioria das diarreias ocorrem pela falta de higiene nas instalações, por uma alimentação desequilibrada, ou ainda por erros de manejo, o seu tratamento é feito de acordo com a origem de cada uma delas. Para as diarreias de origem bacteriana, o tratamento deve ser feito com antibióticos específicos para cada caso e com reposição de líquidos, enquanto as provocadas por vírus, devem ser prevenidas com o uso de vacinas específicas ou exposição controlada dos animais saudáveis com as fezes dos animais doentes.

Já as diarreias de origem alimentar podem ser evitadas com a administração de uma ração equilibrada, na quantidade correta para cada fase de

desenvolvimento dos animais. O cuidado mais importante, contudo, é a limpeza das instalações, que devem estar protegidas da umidade, dos ventos e do calor excessivo, que é uma forma de prevenir todos os tipos de diarreias e também as doenças respiratórias.

VERMINOSES

Além das diarreias e das doenças respiratórias, os suínos estão sujeitos ainda às sarnas, aos piolhos e as verminoses. No primeiro caso, que é um dos problemas mais comuns no rebanho, os animais passam um longo tempo com coceiras, escamações e perdem o apetite. Ocorrendo em todas as idades, a sarna tem como controle e tratamento, os banhos antes do parto, os banhos nos animais desmamados, com repetição a cada dez dias e o banho em todos os animais que começarem a apresentar os sintomas. Para realizar este banho, o produtor deve usar um sarnicida específico para suínos, que por ser altamente tóxico deve sempre ser manuseado com luvas.

Já o aparecimento dos piolhos, que tem uma ocorrência mais rara nos suínos, é também causado pela falta de higiene. Como tratamento, o banho em todos os animais da propriedade, com intervalo de 10 dias e a limpeza diária das instalações. Por fim as verminoses, que são provocadas por diferentes tipos de vermes alojados nos intestinos, no fígado e nos pulmões, provocam muitas perdas, como o baixo desenvolvimento dos animais, anemia, condenação do fígado e às vezes de toda a carcaça. Como tratamento é recomendado a limpeza das instalações, a formação de lotes de animais por idade e o uso do vermífugo injetável ou em pó.

Prevenção para as aves

"Um bom estado nutricional faz com que as aves cresçam mais rápido para produzir o máximo de ovos e carne, ao mesmo tempo que as tornam mais resistentes às doenças que possam vir a acontecer". A afirmação é da veterinária Susana Cardoso, que alerta também para a importância do equilíbrio de sais minerais e vitaminas na dieta das aves, na prevenção de doenças parasitárias, infecciosas e carenciais, que comumente atacam as aves.

Entre as parasitárias, destaca-se a coccidiose, uma doença que ocorre nas aves mais jovens e que se propaga através do contato dos animais saudáveis com os doentes, da água, da ração, das fezes, das moscas, dos ventos ou tratadores expostos à doença. Como sintoma, os animais apresentam uma diarreia vermelho-escura intensa, perda de peso, perda do apetite, palidez da crista e debilidade das asas e das pernas, além da grande mortalidade das aves. Como tratamento é indicado o uso de produto específico, mas o melhor mesmo é prevenir a moléstia, com o uso do "coccidiostático" na ração, pulverização do piso e paredes com desinfetantes e manter os animais em lotes separados por idade,

e com a cama sempre seca e nova.

VERMES

Embora existam vários tipos de vermes gastrointestinais que podem parasitar as aves, os mais comuns são as tênias e as lombrigas. Quando atacadas por estas enfermidades, as aves apresentam um desenvolvimento retardado, palidez da crista e barbela, diarreia e penas arrepiadas. Como prevenção, a veterinária indica não só a boa alimentação e higiene dos animais e instalações, como também a eliminação dos insetos que podem servir de vetores da doença. No entanto, se as aves apresentarem os sintomas, elas devem ser tratadas com vermífugos específicos, aplicados aos 60 dias e repetidos de quatro em quatro meses.

PIOLHOS E CARRAPATOS

Outros tipos de parasitas que costumam atacar as aves são os piolhos e os carrapatos. Vistos a olho nu, os piolhos vivem permanentemente sobre as aves e também atrasam o seu desenvolvimento, deixando os animais de crista pálida, com agitações e coceiras. Para prevenir a sua ocorrência, as instalações devem sempre estar em boas condições de higiene e não deve ser permitida a entrada de pássaros no aviário. Já



A higiene das instalações evita grande parte das doenças

o tratamento requer banhos com produtos específicos e pulverização desinfetante das instalações.

Os carrapatos, por sua vez, são parasitas de movimentos lentos, que passam o dia escondidos nas frestas de madeira e à noite atacam as aves para sugar o seu sangue. De cor castanha ou cinzenta, estes parasitas atrasam o desenvolvimento das aves, as tornam inquietas e ainda propiciam o aparecimento de anemia e fraqueza. Como prevenção, apenas a higienização das instalações e como tratamento a pulverização das aves e das instalações, principalmente nas frestas de madeira.

DOENÇAS INFECCIOSAS

Causadas por bactérias e vírus, estas doenças, segundo a veterinária Susana, variam muito de acordo com os locais e tipo de criação. Como a maioria dos animais da região são produzidos soltos ou em sis-

tema de semi-confinamento, Susana sugere um calendário de vacinação para as doenças que ocorrem nestes tipos de sistemas. Em primeiro lugar, a veterinária aponta a "New Castle", que exige vacinação no primeiro ou no décimo dia de vida e que deve ser colocada na água, nos olhos ou narinas das aves, sem esquecer a revacinação aos 120 dias.

Para a moléstia "Marek", os animais devem ser vacinados no primeiro dia, de forma subcutânea, enquanto para a "boubá aviária" ou varfola, é necessária vacinação na terceira ou quarta semana de vida e a sua repetição a cada seis meses, principalmente na primavera e no verão. Por último, a cólera e o tifo, para os quais a veterinária indica duas doses de vacina intramuscular. A primeira, quando os animais completarem um mês de vida, e a segunda, quando eles atingirem os três meses.

DIA DE CAMPO

O desempenho das novas linhagens

As experiências das culturas multiplicadas pelo CTC e o desempenho das novas linhagens que já estão há mais de um ano nas propriedades de Ijuí, foram observadas por 120 produtores de sementes todas as unidades da Cotrijuf, Regional Pioneira no dia 6. Junto com os técnicos, os produtores visitaram as propriedades onde foram produzidas as novas linhagens de trigo, aveia, colza, lentilha e linho. Com uma rentabilidade de 10 por cento acima das variedades convencionais e com maior resistência ao ataque de pragas e doenças, a maioria destas linhagens demonstraram que, no próximo ano, poderão se incorporar no sistema de produção.

Este é o caso do trigo CEP-8251, selecionado pela Fecotrigo e que foi cultivado em cinco hectares da propriedade do seu Marclio Cossetin, no distrito de Salto, em Ijuí. Produtor de sementes há 25 anos, seu Cossetin plantou 10 sacos desta linhagem num solo bem tratado e com boa fertilidade, há um ano em pousio, e do qual o produtor colheu 300 sacos. Para conseguir esse rendimento, que ultrapassa as variedades convencionais em 140 por cento seu Cossetin utilizou 250

quilos de adubo por hectare e fez uma aplicação de nitrogênio aos 45 dias de germinação. No período de granação, a lavoura recebeu ainda uma aplicação de fungicida uma vez que se constatou a suscetibilidade da planta ao carvão.

A AVEIA E COLZA

Na propriedade de Cláudio e Romeu Rorato de Jesus também do distrito de Salto, os produtores puderam observar o desempenho de um hectare da aveia Ufrgs-9, que somente neste ano começou a ser introduzida na região. Com um ciclo de maturação precoce, esta cultivar apresenta um porte mais baixo que as outras variedades, o que a torna mais resistente ao acamamento.

Com um rendimento de 43 sacos a lavoura de aveia recebeu 100 quilos de adubo e duas aplicações de fungicida para evitar a ferrugem que comumente ataca esta cultura. "Deu para constatar que esta aveia é uma alternativa para as propriedades da região", afirmam os técnicos do CTC, salientando, no entanto, que a cultura só se mantém com a prevenção das doenças fúngicas.

Da mesma forma que a aveia a colza CTC-4 também se comportou

bem. Os 75 quilos que foram semeados em 15 hectares de solo com boa fertilidade têm um rendimento estimado em 375 sacos, pois os produtores aplicaram 250 quilos de adubo e mesmo com os problemas causados pelo excesso de umidade, na fase de crescimento, a colza conseguiu se recuperar na fase seguinte e não chegou a reduzir o seu potencial produtivo. Para os técnicos e os produtores, o cultivo desta linhagem serviu ainda para mostrar as inconveniências do plantio de colza na resteva do sorgo, pois segundo o Sadi Pereira, a palha do sorgo libera um certo tipo de enzima que prejudica a cultura subsequente.

LENTILHA E SORGO

Ainda na mesma propriedade, a lentilha CTC-82206, ocupou quase um hectare, onde foram plantados 20 quilos de semente.

Comparada a outras variedades, esta linhagem apresentou um melhor porte e um melhor crescimento, permitindo que a sua florescência seja maior do que as outras. Além de receber 200 quilos de adubação a lentilha foi semeada com um espaçamento de 34 centímetros entre as linhas, o que oportunizou uma maior densidade.



A observação das novas linhagens no CTC

"Este aspecto é importante porque a planta se torna mais competitiva em relação as invasoras naturais, como a "buva", que geralmente aparece na lavoura", afirma o produtor Romeu, estimando o seu rendimento em uma tonelada.

Com um custo de produção baixo, o linho Tape-Paraná-Inta, selecionado pela Fecotrigo, também agradou os produtores. Para os sete hectares de linho foram destinados 280 quilos de semente, que apresentaram um bom desenvolvimento em função do preparo correto do solo e da adubação recomendada. Com um rendimento estimado em 116 sacos, o linho, segundo o produtor Romeu de Jesus tem uma grande importância na rotação de culturas. Um exemplo disso, é o bom desenvolvimento de parte da sua lavoura de trigo, plantada na sequência do linho e da colza.

TECNOLOGIA SE MEDE PELO DESEMPENHO.

CLASSIC®. MAIOR CONTROLE NA MENOR DOSE.

Para chegar ao fim dos altos e baixos no controle das ervas de folhas largas na soja, basta acompanhar o desempenho de CLASSIC® da DU PONT. O primeiro herbicida pós-emergente de ação sistêmica e formulação em grânulos auto-dispersíveis em água (dry-flowable).

Pequeno no tamanho e grande nas vantagens, CLASSIC® da DU PONT ultrapassa todas as expectativas de eficiência atingidas até agora. Seu amplo espectro de controle e rápida penetração nas ervas diminuem a dependência climática. CLASSIC® da DU PONT tem baixa toxicidade e alta flexibilidade no estágio da erva. Além disso, bastam 80 gramas de produto para tratar 1 hectare de soja, com muita segurança e sem desperdício.

São outros pesos e novas medidas para provar que a tecnologia Du Pont não tem tamanho.

CLASSIC®

DU PONT
MARCA REGISTRADA



Algumas tendências em relação ao mercado da soja na Europa estão se confirmando

MERCADO EXTERNO

Tendências que se confirmam

A Europa vai aumentar a procura pelo grão de soja, mas as dificuldades orçamentárias continuam.

**Prof. Argemiro Luís Brum
Montpellier — França**

Duas importantes informações, relacionadas ao futuro do consumo de soja na Europa, surgiram durante este nosso inverno.

1 — A procura pelo grão de soja aumentará na Europa.

A primeira, surge como resultado da reunião organizada pela American Soybean Association (ASA) dos Estados Unidos, realizada em Milão (Itália) nos dias 14 e 15 de abril passado.

Nesta reunião se debateu a utilização da soja em grãos inteiros na Europa. Isto é, a possibilidade crescente da Europa substituir suas importações de farelo de soja pela de grãos de soja. Como isto interessa de perto a indústria moageira instalada na Europa, a qual pertence em grande parte aos grandes grupos internacionais de grãos, fica justificado o fato da referida reunião ter sido organizada pela ASA. O "lobby" norte-americano trabalha há bastante tempo em terras européias, defendendo seus interesses.

Os resultados da reunião podem ser resumidos no que segue:

a) O interesse da transformação

e da utilização da soja em grão inteiro na alimentação animal depende de fatores zootécnicos (tipo e idade dos animais), econômicos (modo de tratamento, volumes tratados), e também psicológicos (conhecimento do produto, marketing específico).

b) Uma das grandes conclusões desta reunião foi o reconhecimento de que não existe um método perfeito de tratamento. Os elementos a serem levados em conta são dois: 1) estudar o tipo de mercado; 2) estudar o volume deste mercado, anualmente. Assim, entre as aves, para as quais a soja em grão inteiro pode ser administrada até 20 por cento e os porcos, para os quais não se pode ultrapassar de 7 a 8 por cento da ração, o raciocínio evidentemente não é o mesmo.

c) Até hoje as variações de preços eram as mesmas para os três componentes do complexo soja: grão, farelo e óleo. Após a queda dos preços internacionais das gorduras vegetais em geral, uma distorção aparece entre os preços do complexo soja. Isto se dá principalmente a partir do momento em que o óleo de soja sofre a concorrência do óleo de palma.

d) Toda a vez que o preço do farelo, no mercado internacional, for superior ao do grão, o fabricante de

rações na Europa vai se interessar de perto à fração energética do grão inteiro (no dia 7 de outubro passado, no porto de Rotterdam (Holanda), enquanto o grão de soja proveniente dos Estados Unidos era cotado em 221 dólares a tonelada, o farelo de soja, com 48 por cento de proteína, proveniente do Brasil, era cotado a 229 dólares a tonelada).

e) O interesse econômico de tal escolha parece evidente para o fabricante e o utilizador da ração. No caso francês, o cálculo é o seguinte:

Preço de 1 kg de grão inteiro = preço de 0,76 kg de farelo + 0,20 kg de gordura + 0,04 kg de milho. (A incorporação de soja em grão inteiro tem efetivamente uma influência sobre a percentagem de milho na fórmula).

Na realidade atual dos preços, o preço do quilo de soja em grão deve se situar entre 1,60 e 1,70 francos/quilo, na safra da fábrica. Somando os custos de fabricação que são da ordem de 0,20 a 0,30 francos/quilo (no caso da extrusão) o fabricante deve então comprar seu grão entre 1,30 e 1,40 francos/quilo. Os preços atuais (ano comercial 1986/87) são inferiores, pois se situam em torno de 1,25 francos/quilo.

Assim, em função de todos es-

tes fatores, a utilização de grãos de soja inteiro nas rações européias poderá se desenvolver de forma mais abrangente. Na França, 50 por cento da produção local de soja (atualmente em torno de 100.000 toneladas) é destinada para este fim. A trituração, que representava 90 por cento do destino dado a soja francesa em 1980, está em apenas 49 por cento atualmente. A utilização, sob forma de grãos inteiros, na alimentação animal, passou de menos de 10 por cento a 41 por cento no mesmo período.

2 — As rações européias deverão ter mais cereais

A segunda informação nos vem das decisões tomadas pela CEE no mês de julho passado, com respeito ao mercado de cereais europeu, para este próximo ano agrícola 1987/88.

A CEE, além da baixa dos preços oficiais, propõe, para os cereais, um patamar de produção (155 milhões de toneladas para o conjunto dos cereais colhidos nos 12 países membros), que seria comprado pelos preços subvencionados; um programa para se deixar um certo número de hectares sem plantar; e quotas de produção. Em outras palavras, reduzir o estímulo à produção de cereais que hoje abarrotam os armazéns da CEE.

Paralelamente, e para encontrar uma solução a este grave problema, a França propôs na reunião do Conselho dos Ministros da CEE, acontecida no dia 21 de setembro passado, a idéia da instituição de um prêmio a incorporação dos cereais na composição das rações para animais. Isto os tornariam competitivos, junto às indústrias fabricantes, frente aos produtos de substituição de cereais (conhecidos aqui como PSC) que são importados de diversos países do mundo e entram na CEE sem nenhuma taxa (como o grão de soja e o farelo).

Isto nos coloca frente a duas tendências. A primeira, proveniente da pressão realizada pelos produtores europeus de cereais. Eles exigem, ao invés de desestimular a produção local, que os PSC sejam taxados quando de sua entrada na CEE (o desejo é que esta taxa atinja igualmente o grão e o farelo de soja). Em 1986, 20 milhões de toneladas de mandioca, batatas doces, polpa de frutas, glicose de milho — conhecida aqui pelo seu nome inglês "conr gluten feed", e outros PSC, invadiram a CEE representando o equivalente à produção de 3 milhões de hectares de cereais. Segundo esta tendência, se toda a CEE agrícola seguir os criadores holandeses, belgas e alemães do norte da Alemanha, que preferem os PSC importados, pois estes são mais baratos que os cereais eu-

ropeus, graças a proximidade dos portos de importação, a CEE será obrigada a exportar, com subvenções, 17 milhões de toneladas suplementares de cereais. Isto representa outros 3 milhões de hectares que deixariam de produzir na Europa este tipo de produto. A tendência é de que estas terras passem a produzir oleaginosas que ainda continuam mais subvencionadas que os cereais. Isto significa uma maior concorrência contra a soja importada.

A segunda tendência, está ligada à idéia da instituição do prêmio à incorporação dos cereais nas rações. Este prêmio ajudaria a resolver o problema dos grandes estoques de cereais e desalojaria uma boa parte dos PSC do mercado.

Entretanto, se esta idéia vingar, a soja importada será igualmente atingida. Isto porque os cereais possuem um teor de proteína bem mais elevado do que os produtos de substituição (PSC). O trigo, por exemplo, possui entre 11 e 12 por cento de proteína enquanto a mandioca, que é importada da Tailândia e da China principalmente, possui apenas 2,5 por cento de proteína.

3 — Mas as dificuldades orçamentárias continuam

A decisão de diminuir o apoio à produção de cereais vem do fato de que este custa muito caro. De um lado porque existe uma superprodução que está estocada e de outro lado porque

as exportações se fazem a preços baixíssimos no mercado internacional. Situação aliás que provoca uma séria disputa comercial com os EUA. A proposta da taxa dos PSC e das oleaginosas importadas viria auxiliar o orçamento da CEE, além de estimular o consumo interno dos cereais ali produzidos.

Por outro lado, a decisão de apoiar a incorporação dos cereais nas rações exige recursos. A CEE não sabe exatamente como poderá encontrá-los. A taxa dos produtos importados, acima citados, poderia ser a solução.

Entretanto, qualquer idéia sobre taxa de produtos esbarra na pressão contrária dos EUA. Estes grandes exportadores de grãos de soja e de glicose de milho, não aceitam discutir o assunto, ameaçando represálias.

Este "lobby" norte-americano, associado ao problema orçamentário europeu, forçou a CEE a desestimular, de uma certa maneira, a produção local de oleoproteaginosas a partir de 1987/88. Assim, foram estipuladas uma baixa de preço (no caso da soja de 5 por cento em ECU — moeda orçamentária europeia que vale hoje 6,90 francos franceses), e quantidades máximas garantidas pelas compras oficiais (no caso da soja ainda, esta quantidade foi estabelecida em 1,1 milhão de toneladas para o ano 1987/88). Os produtores de soja europeus consideram isto uma grande penalidade (a previsão é

de uma produção de soja em torno de 1,8 milhão de toneladas na CEE este próximo ano).

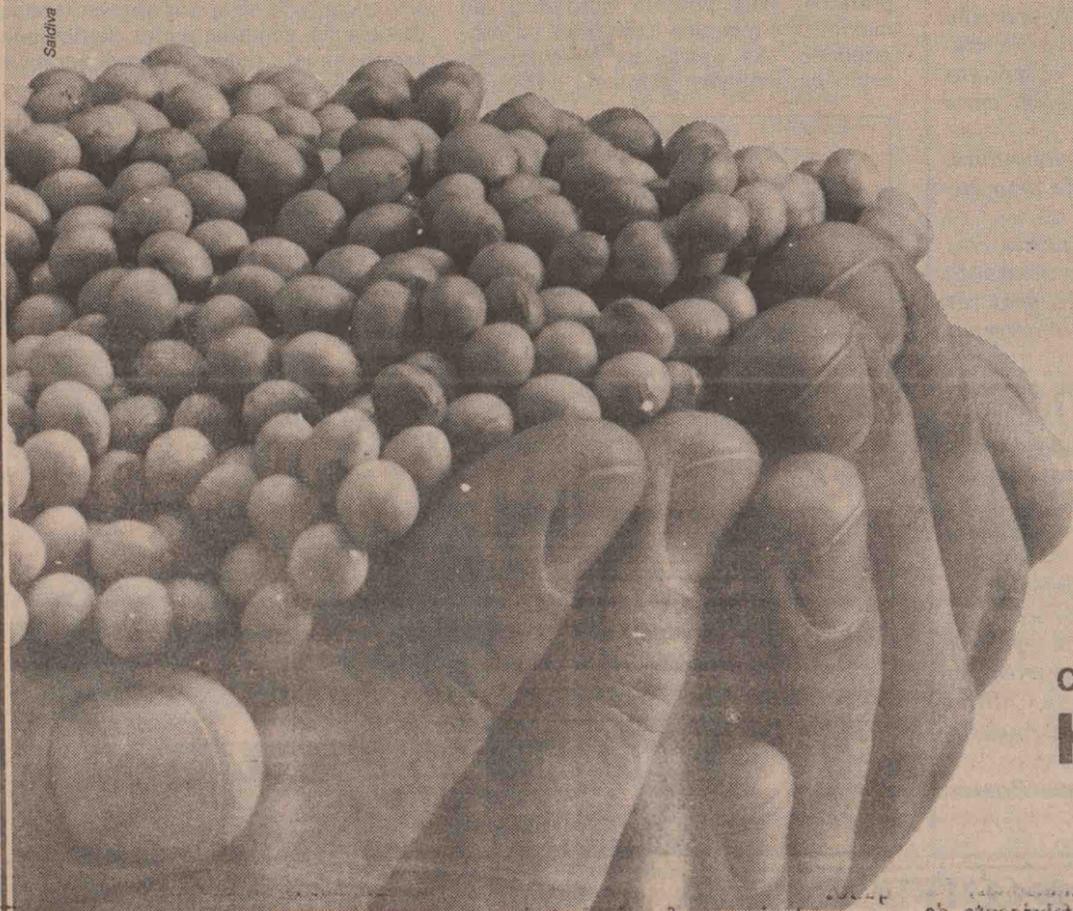
Esta situação coloca em contradição a possibilidade das oleoproteaginosas europeias ocuparem o espaço que seria deixado pelos produtos originários da importação, caso as tendências anteriores se consolidarem.

É por isto que a Comissão Europeia propõe acalmar a disputa existente no mercado agrícola mundial. Suas propostas para tal vão no sentido de encontrar, junto com os parceiros do comércio internacional, a partir de 1988, produto por produto, arranjos que colocariam um fim à guerra de preços e ao aumento das subvenções que caracterizam hoje as transações comerciais. No longo termo, encontrar um melhor controle da produção graças a redução, de forma conjunta, das subvenções dadas aos agricultores.

Estas idéias deveriam ser apresentadas na reunião do "grupo de negociação sobre a agricultura", originário das reuniões do GATT (Acordo Geral sobre o Comércio e as Tarifas Aduaneiras) acontecidas em setembro do ano passado em Punta-del-Este (Uruguai), que seria realizada dias 26 e 27 de outubro em Genebra (Suíça).

Nosso artigo do próximo mês tratará especificamente desta nova reorganização do mercado agrícola mundial e de suas consequências sobre nossas exportações de soja.

Seja você também um cobra da soja.



Na safra passada, cerca de seis mil agricultores de todo o país ficaram com Cobra, um avançado herbicida que controla sozinho importantes invasoras de folhas largas da soja, tais como o Picão Preto, Leiteiro, Caruru, Trapoeraba, Guanxuma, Joá, Erva Quente e Carrapicho Rasteiro. E sabe o que aconteceu? Eles ganharam muito com isso. Porque Cobra provou, pelo segundo ano consecutivo, que é realmente eficaz, proporcionando uma produtividade mais do que excelente. Quem escolheu Cobra ficou com um herbicida que permite rotação com qualquer cultura e que aplicado até meia hora antes da chuva não perde o efeito. E também fez muita economia, pois Cobra dispensa misturas e, por ser pós-emergente, possibilita aplicações somente nas áreas infestadas. Na próxima safra, seja você também um cobra da soja. Use Cobra e tenha uma produtividade cheia de lucros.

COBRA
HERBICIDA
O mais avançado pós-emergente da agricultura moderna.

Com a segurança
Hoechst





13 agentes de Saúde participaram do treinamento

Trabalho comunitário em Augusto Pestana

Rosane Dalla Roza Schiavo

O trabalho de Saúde Comunitária em Augusto Pestana iniciou a partir de núcleos da comunidade, que apresentava sérios problemas nesta área e tinha dificuldades em resolvê-los. A discussão em busca de soluções para os problemas de saúde iniciou através dos núcleos de associados e familiares da Cotrijuf, já plenamente organizados em diversas localidades do interior do município. Foi a partir desta discussão, que se começou a realizar um trabalho de atenção primária à saúde, através de agentes. As comunidades interessadas elegeram membros de sua confiança para serem treinados e, posteriormente, prestar atendimento básico à saúde da comunidade.

A comunidade de Fundo Alegre escolheu Lizane Kern e Nádia Schneider; Bom Princípio elegeu Maria Inês Iantsch; Ponte Branca escolheu Helga Koester e Marli Ott; São Miguel escolheu Célia Marsaro; Arroio Bonito escolheu Marinês Barassuol; a localidade de Ijuizinho convidou Iliceu Rückert e José Moacir da Conceição e Rincão dos Ferreiras escolheu Neuza Bertoti e Marli Schmidt. Estas pessoas, em conjunto com dois funcionários da unidade de Augusto Pestana, Rosane Denardi — da loja — e Juarez Oliveira — do armazém — participaram do treinamento.

O treinamento foi custeado pela Cotrijuf, através de uma verba do Funrural e teve a duração de 220 horas teóricas e práticas. O curso foi ministrado por uma equipe multi-profissional de saúde: enfermeiros; um odontólogo, uma nutricionista, um agrônomo, um veterinário e um fisioterapeuta. A parte prática do treinamento foi desenvolvido nos ambulatórios da Secretaria Municipal de Saúde de Ijuí, do Bairro Luiz Fogliatto e Thomé de Souza, além do Centro Social Urbano e Hospital Bom Pastor de Ijuí.

Os agentes de Saúde se tornaram aptos com os treinamentos, a desenvolverem, em suas comunidades, atividades como: verificação de pressão, da temperatura, da frequência cardíaca e respiratória. Também podem realizar curativos, retiradas de pontos, aplicações de injeções, massagens, controle de vacinações, encaminhamentos médicos, prestar orientações quanto ao uso de medicamentos caseiros e na área preventiva. Cada agente recebeu seu material básico para desempenhar suas funções: uma maleta, aparelho de pressão, estetoscópio, termômetro, material para curativo — pinças, tesoura, gaze, esparadrapo, mercúrio, água oxigenada, soro fisiológico —, seringas e agulhas, panela de pressão, álcool, algodão, ataduras, pomadas, entre outros.

Eles estarão atuando junto às suas comunidades de forma voluntária, sem qualquer vínculo empregatício, sob a supervisão contínua de uma enfermeira.

O agente de Saúde é uma das pessoas de extrema importância, com a responsabilidade de ser, também, um agente de transformação dentro da comunidade. Mas a comunidade também tem seu papel a cumprir, uma vez que os agentes foram indicados por ela. O compromisso de apoio e acompanhamento do trabalho é da comunidade.

O encerramento do treinamento aconteceu no dia 16 de outubro, na sede da Afucotri de Augusto Pestana. Além da presença dos 13 agentes de saúde, também estiveram presentes familiares, representantes da direção da Cotrijuf, o gerente da Unidade, Romeu Rhode, a educadora Leonair Sost, representantes, conselheiros, associados da Cooperativa naquela unidade, profissionais da área de Saúde que ministraram o curso, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, entre outras pessoas.

Várias pessoas, naquela ocasião, deram apoio ao trabalho, salientando a importância do trabalho comunitário para a prevenção de doenças e a promoção da saúde, já que 90 por cento dos problemas de saúde se resolvem a nível primário. O gerente da Unidade, Romeu Rhode, lembrou o compromisso dos agentes de Saúde em suas comunidades e garantiu o apoio da Cotrijuf ao trabalho que começa a ser realizado no interior do município de Augusto Pestana.

* Rosane Dalla Roza Schiavo é enfermeira do Hospital Bom Pastor e coordenadora do Curso de Agentes de Saúde.

DOM PEDRITO

Suínos: atividade nova na Campanha

A diversificação de culturas, prática que há cerca de 5 anos é sugerida pela Cotrijuf desde a Regional Pioneira, já vem encontrando adeptos na Regional Dom Pedrito. Ademar Luiz Comin é um desses produtores que se empenha numa produtividade diversificada para reduzir ao mínimo as perdas de safra. Ele diz que nunca precisou registrar prejuízos em sua contabilidade, pois as frustrações de determinados produtos receberam a compensação de outros, que melhor responderam aos esforços de produção.

Grande produtor, tem negócios em Dom Pedrito, Bagé e no município de Jardim, Mato Grosso do Sul. Lá ele trabalha 3.250 hectares e as culturas são arroz de sequeiro e soja e pecuária de corte. Até suínos Comin está criando, segundo diz, estimulado pelo sistema de técnica moderada, sugerido pela Cotrijuf.

São muitos os produtores pedritenses que estão optando pelo maior índice de diversificação. Além da orientação técnica que recebem da cooperativa, ainda têm a garantia de comercialização de tudo o que produzirem.

NOVA RIQUEZA

No caso específico da suinocultura, pode-se dizer que está surgindo uma nova riqueza no município de Dom Pedrito. Dezenas de produtores entre pequenos, médios e até grandes, estão incluindo o criatório de suínos em suas propriedades.

Conversamos com o produtor Alamir Viero, que já está com uma população de 210 porcos, produtos de 34 matrizes. Ele é proprietário do Estabelecimento Santo Antônio, localizado na região do Upacaray. Ele optou pelo regime de criação em campo aberto, na condição de técnica moderada, como é pregado pela Cotrijuf. Está satisfeito com os resultados, obtendo um abate de 25 animais por mês aos 180 dias de idade, com desfrute per capita de 80 quilos.

O sistema alimentar é dos mais práticos, pois procura aproveitar ao máximo os recursos existentes na propriedade. As pastagens consorciadas estão em primeiro plano na alimenta-

ção dos animais. Os técnicos da Cotrijuf recomendam o desmame dos filhotes aos 30 dias, passando para uma alimentação à base de pastos consorciados — azevém,

cornichão, trevo, etc — até completarem 150 dias de vida. Após esse período os animais devem receber porções adicionais de ração à base de concentrados, para terminação em torno de 80 quilos vivo.

O criatório de suínos, como vem sendo praticado em Dom Pedrito, implica naturalmente na produção agrícola. A produção de milho, sorgo, arroz e tubérculos, são muito importantes na medida que proporcionam alimentos para a terminação dos animais com recursos da propriedade, com maior retorno de lucro. Criadores como Alamir Viero, Eduardo Augusto de Menezes, Otaliz de Vargas Monardo, Jorge Peres, entre outros, praticamente suprem as necessidades dos animais com alimentação própria.

A história da suinocultura como atividade econômica organizada é nova em Dom Pedrito. Praticamente, existe há dois anos.

Os técnicos da Cotrijuf aconselham o cruzamento de raças, com predominância dos sangues Duroc, Wessex e Large White, por apresentar essa associação genética maior rusticidade, sem nenhuma perda de rendimento de ganho de peso.



Ademar Luiz Comin



Alamir Viero

TIRE A MÃO DA TETA

ORDENHADEIRA

ALFA-LAVAL

é leite limpo e lucro líquido.

Alfa-Laval ordenha o dobro de vacas em igual tempo e com a mesma mão-de-obra exigida pelo processo manual. Ordenha 12 vacas por hora.



A venda na COTRIJUI e suas filiais

Distribuidor para a Região Sul

Nova Santa S.A.

Máquinas e Ferramentas

Fone: 42-5955 - Porto Alegre



O estande da Cotrijuí no Congresso de Agronomia

COTRIJUI

Presença no Congresso de Agronomia

A Cotrijuí, representada pelos agrônomos Francisco Salla, Adão Acosta e Airton Francisco de Jesus, foi a única cooperativa do Brasil a se fazer presente durante o XV Congresso de Agronomia, realizado de 19 a 23 de outubro, em Florianópolis, Santa Catarina. A presença da Cotrijuí ficou assinalada não apenas pela participação de seus representantes técnicos nos debates, mas também e principalmente, pelo estande montado que possibilitou a agrônomos de todo o país, conhecerem mais de perto o trabalho que a Cotrijuí, através do Centro de Treinamento, vem realizando na área de diversificação de culturas e produção e comercialização de sementes. Desta forma, com esta pequena mostra, a Cotrijuí quer ampliar seus mercados consumidores para outros Estados do centro do país.

O XV Congresso Brasileiro de Agronomia trouxe como tema deste ano, a fome e reuniu, nos cinco dias de debates, mais de 1.800 agrônomos de todo o país. Procurando desencadear um amplo debate a nível nacional sobre os principais problemas que hoje envolve a classe; elaborar propostas democráticas de desenvolvimento profissional, oferecer subsídios à Consti-

tuinte e buscar o intercâmbio de conhecimentos e experiências, o Congresso atingiu seus objetivos. Entre os painelistas, Mark Ritchie, presidente da North Americans Farmers Alliance, dos Estados Unidos; Polan Lack, engenheiro agrônomo, especialista da FAO para a América Latina; Bernardo Van Raij, pesquisador do Instituto Agrônomo de Campinas, São Paulo; Horácio Martins de Carvalho, agrônomo e técnico da Secretaria de Abastecimento de Curitiba, Paraná e Dinarte Belato, filósofo, sociólogo, professor e pesquisador da Unijuí, de Ijuí. O conferencista foi Pat Roy Mooney, o autor do livro "Escândalo das Sementes", que no início deste ano esteve em Ijuí, palestrando na Unijuí e visitando a Cotrijuí. Pat Mooney falou sobre "Perspectivas da Agricultura Contemporânea". Entre os animadores dos debates, a presença de alguns gaúchos como Luiz Carlos Pinheiro Machado, professor das Universidades Federais de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul; Humberto Sório Júnior, professor universitário e empresário da área de Planejamento Agrícola de Carazinho e Roberto Carbonera, Pós-graduando em Melhoramento Genético de Plantas na Esalq-USP.

Carrapato transmissor da tristeza bovina

"A tristeza parasitária bovina é causada por um protozoário do gênero Babesia e uma Ricketizia do gênero Anaplasma". A declaração é do assessor técnico do Instituto Riograndense de Febre Aftosa - Irfa - Luiz Francisco Cruz Ferreira, que trabalha junto a equipe de cientistas Irfa/IPVDF, ora em estudos para criar a vacina para debelar o mal.

Segundo o técnico, o aparecimento da enfermidade em grandes proporções é resultante da ruptura do equilíbrio existente entre o hospedeiro (carrapato) e o hospedeiro (bovino), desequilíbrio motivado quase sempre

pelo uso indiscriminado de banhos carapaticidas com produtos de elevada eficácia. Pode se dizer que também é resultante da introdução da agricultura em áreas destinadas à pecuária, onde o emprego de agrotóxico colabora sensivelmente para a redução da população de carrapatos.

Luiz Francisco adverte que os bovinos que não apresentam infestações de carrapatos portadores dos agentes da tristeza parasitária bovina durante quatro a seis meses, tornam-se suscetíveis a doença quando expostos a campos infestados de carrapatos portadores do protozoário.

CTC No mês de outubro

Durante o mês de outubro o Centro de Treinamento da Cotrijuí recebeu a visita de 653 pessoas, totalizando um acumulado, de todo o ano, de 3.004 visitantes. As principais atividades do mês desenvolvidas no CTC são as seguintes:

Dias de Campo sobre os seguintes assuntos:

- Sementes - envolvendo produtores de toda a Região Pioneira da Cotrijuí;
- Culturas de inverno, forrageiras e animais para a equipe Agro-técnica da Região Pioneira;
- Diversificação de culturas para agricultores da Emater de Tucunduva;
- Culturas de inverno, forragens, piscicultura, avicultura, suinocultura e fruticultura para estudantes do curso Agrotécnico de Palmeira das Missões;
- Forrageiras e culturas de inverno para agricultores de Santo Ângelo;
- Culturas de inverno, forrageiras e criação de animais para os formandos dos cursos de Agronomia da Universidade de Passo Fundo.

Curso

Neste mês de outubro foi realizado um curso sobre Cooperativismo e Diversificação Agropecuária para filhos de associados da Cotrijuí. Também participaram do curso agricultores da Emater de Três de Maio e formandos do curso de Agrotécnico do Imeab de Ijuí.

Treinamento e Estágios

- Estiveram no CTC, pelo período de uma semana, os novos agrônomos, técnicos e veterinários que estão ingressando no quadro funcional da Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí. São eles: Carlos Alberto Noll, médico veterinário; Carlos Bernardi e Luís Carlos Brenner, engenheiros agrônomos e Ênio Ganascini, técnico agrícola.
- Estão realizando estágio curricular no CTC, os estudantes de agronomia Cláudio Reis Labrea, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Leonardo Vieira, da Universidade Federal de Pelotas.

Outros eventos:

- Encontro de gerentes da Região Pioneira da Cotrijuí, realizado no dia 28 de setembro;
- Reunião da Subcomissão do Meio Ambiente e Recursos Naturais de Ijuí, com a presença da administração municipal, técnicos e produtores rurais no dia 7 de outubro.
- Participação do CTC na III Expo-Ijuí e I Fenadi, apresentando sua proposta de diversificação agropecuária caracterizada pelo mini-CTC montado dentro do Parque de Exposições Assis Brasil;
- Participação do Centro de Treinamento no Simpósio micro-regional sobre Agricultura para um Rio Grande Maior, realizado na Unijuí, em Ijuí, no dia 25 de setembro.
- Participação na Comissão Técnica do II Congresso Estadual da Pequena Propriedade, realizado em Lajeado no dia 16 de outubro;
- Painel sobre Conservação de Solos, Água, Meio Ambiente e Política Agrícola. O mesmo foi organizado pelos técnicos do CTC e realizou-se no Parque de Exposições Assis Brasil, durante a III Expo-Ijuí e I Fenadi.
- Lançamento, ainda durante a III Expo-Ijuí e I Fenadi, de um relatório dos 10 Anos do CTC.

Visitas:

- Dos professores e alunos do Pré-Escolar do Imeab de Ijuí e da Escola de 2º Grau de Fortaleza dos Valos;
- De Luís Alberto Cuellar Gomes, da Federação Nacional dos Cafeicultores, da Colômbia.
- Dos estudantes do curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria;
- Dos seguintes professores e pesquisadores: Juan Maria Bonicari, Ismar Barreto, Clair Oliso e Beatriz Pillar, da Universidade Federal de Santa Maria; de Elmar Luiz Flossio e Renato Serena Fontaneli, da Universidade de Passo Fundo; de João Carlos Saibro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de Gilberto Tom e Henrique P. dos Santos, da Embrapa de Passo Fundo.
- Do publicitário do Jornal "O Interior", José Luís Sakakibara.

SEMENTES DE MILHO COTRIJUI

PLANTE O QUE É NOSSO



COTRIJUI

RUA DAS CHÁCARAS, 1513
FONE 332-2400
RAMAL 304
98.700 - IJUÍ - RS

CONSULTE O DEPARTAMENTO TÉCNICO

Contra as piores ervas, o melhor é Basagran.

Grad, Dammann

Todas as ervas daninhas prejudicam uma plantação. Algumas, entretanto, causam mais problemas que as outras.

Porque além de competirem com a planta, interferem muito na hora da colheita, atrapalhando o trabalho da colheitadeira.

Basagran é o mais eficiente herbicida contra essas invasoras de folha larga, que são consideradas as piores ervas da soja: o Picão Preto, a Guanxuma, a Corda-de-Viola e a Trapoeraba.

Por ser pós-emergente, Basagran evita desperdício ou uso desnecessário, pois só é aplicado após o aparecimento das invasoras.

Basagran controla as ervas em estágios de até



6 folhas, independentemente do tipo de solo ou sistema de plantio.

Basagran é altamente seletivo: não afeta a germinação e assegura a mais alta produtividade. Basagran é um produto BASF, líder mundial da tecnologia pós-emergente.

Conte sempre com Basagran: o fim das piores ervas e o começo de uma grande colheita.



**Pós-Emergência
Tecnologia BASF**

Agroquímica

BASF

Os erros do Plano Cruzado

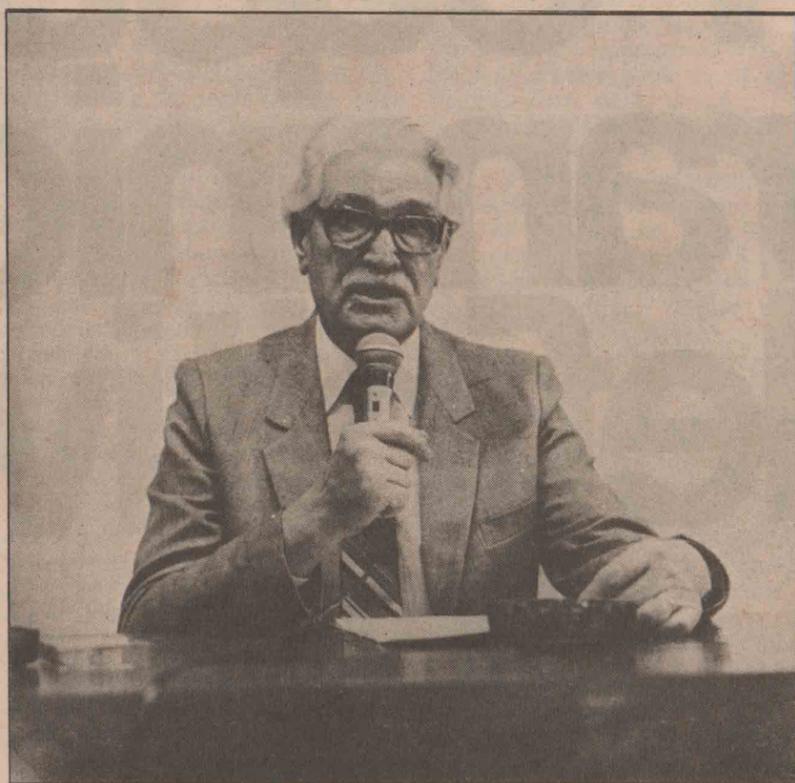
"O Plano de Estabilização Econômica foi elaborado com muita perfeição, mas a sua administração não foi feita com a mesma técnica em razão de outros interesses". A afirmação é do ex-presidente do Banrisul e vice-presidente do Conselho de Administração da 10ª Região, Assis Anhaia de Souza, ao fazer uma análise da conjuntura econômica do país vista pelo ângulo da administração bancária. Ele veio a Ijuí, onde falou sobre a economia brasileira para a direção e funcionários da Cotrijuí, no dia 13 de outubro, atendendo convite da Associação local de Bacharéis em Administração.

O fracasso do Plano Cruzado trouxe de volta a ciranda financeira, "aquilo que já estávamos acostumados", observa Assis Anhaia, que é também presidente do Conselho de Administração da Bantrade. Considera o fracasso do Plano Cruzado 2 como uma conta tardiamente apresentada a sociedade brasileira através da criação de tributos indiretos, elevação da tributação, dos preços administrativos — tarifa energética, combustíveis, aço, leite, comunicações, entre outros — e da criação do plano nacional de investimentos.

Com o fracasso do Plano Cruzado 2, o ganho real dos salários que chegou a acontecer nos primeiros momentos do choque foi perdido imediatamente. A figura do gatilho, criada pelo governo para dar segurança ao assalariado, foi derrotada pelo próprio governo que não cumpriu o que havia estabelecido. A situação se agravou com o surgimento dos ágios, resultando numa queda real das vendas do comércio, afetando também a indústria. Considera o prolongamento exagerado do tabelamento de preços resultante de uma administração errada. "Não existe, em nenhum país, tabelamento de preços, de salários e de câmbios que dure eternamente", ressalta o administrador ao se referir a decisão do governo em tentar prolongar excessivamente o choque heterodoxo aplicado na economia brasileira através do Plano de Estabilização Econômica. "O próprio governo vinha sentindo a necessidade de descongelar o câmbio porque as exportações estavam caindo. As taxas de juros continuavam negativas, "desestimulando qualquer tipo de poupança".

DESAQUECIMENTO

A perda real dos salários, que aconteceu principalmente a partir do segundo semestre do ano passado, foi responsável, segundo o vice-presidente do Banrisul, por um desaquecimento na economia brasileira. A taxa de desemprego, que antes do Plano Cruzado era superior a oito por cento e que havia caído para menos de dois por cento voltou a aumentar para mais de quatro por cento. Tanto a indústria co-



Assis Anhaia de Souza: palestra sobre economia

O ex-presidente do Banrisul defende a desestatização, a transformação de parte da dívida externa em capital de risco, a suspensão da moratória e a administração da taxa inflacionária para que a economia continue crescendo.

mo o comércio, com vendas reduzidas em função da perda salarial, passaram a dispensar funcionários. "São jogados anualmente, no mercado de trabalho, em torno de 1,5 milhão de pessoas", diz ele ao se referir a taxa de crescimento anual da força de trabalho no Brasil.

O Plano Econômico mal administrado, o surgimento do ágio, o crescimento do déficit público, a volta do desemprego, a perda salarial, segundo Assis Anhaia, começou a trazer sérias dificuldades para o governo. As pequenas e médias empresas, que acreditaram no Plano Cruzado, passaram a enfrentar dificuldades porque o conjunto das rentabilidades de suas receitas não permitiam o pagamento das altas taxas de juros sobre os empréstimos tomados em LBCs e mais um adicional que varia de 24 a 52 por cento.

Aconteceu uma retração na demanda. O comércio e a indústria foram

obrigados a reduzir a margem de lucratividade e conviver, ao mesmo tempo, com um aumento da incidência da correção monetária sobre os empréstimos. Temendo um possível colapso no sistema financeiro, o governo decidiu socorrer a economia, canalizando recursos, que foram, na opinião de Assis Anhaia, insuficientes para recompor as dívidas das pequenas e médias empresas. "O sistema financeiro, no entanto, fechou o ano de 1986 com magníficos resultados", observa o ex-presidente, tentando mostrar o quadro atual da economia brasileira e da administração financeira.

Diante deste quadro o governo não teve outra saída, senão abandonar um pouco a sua política heterodoxa, para adotar uma política mais conservadora, de cunho apenas ortodoxa. "O governo, diz ele, preferiu manter apenas o congelamento dos preços como uma estratégia heterodoxa". Ele cita

ainda como entraves para o desenvolvimento da economia nacional as indefinições da Constituinte e do mandato presidencial.

EXPORTAÇÕES

O Plano Bresser, segundo o palestrante, veio para dinamizar a economia, mas trouxe junto um grande objetivo: exportar ainda mais. Com um endividamento externo de 109 bilhões de dólares, o Brasil tem que cobrir os serviços da dívida — juros — com o diferencial das exportações e importações, que se chama balança comercial. O Plano também tem a função, na opinião do administrador, de estabilizar os preços daqueles produtos que não são produzidos pelo governo. Os preços administrativos — combustíveis, aço, trigo, energia elétrica, entre outros — continuam, no entanto, sendo reajustados e, "como integram a matriz dos custos industriais, são obviamente repassados ao consumidor, fluindo diretamente na taxa inflacionária", declara.

EXERCÍCIO MENTAL

Para Assis Anhaia a meta de inflação do último plano econômico não passa de mero exercício mental. "Esta meta de uma taxa inflacionária ao redor de três por cento inexistente", garante ele defendendo, por outro lado, uma solução para os impasses na área política. Entende que enquanto estes impasses não forem equacionados, os problemas de administração e economia ficarão sem solução.

O primeiro e mais difícil dos problemas a serem encarados é justamente o da dívida externa, mas alerta para a questão da dívida interna que vem crescendo assustadoramente. Defende a suspensão imediata da moratória e a negociação com os credores. "Moratória que não é suspensa, é calote", observa lembrando que ela foi lançada ideologicamente e que até agora só tem trazido prejuízos para o Brasil. Aponta como uma das saídas a transformação de parte destas dívidas em capital de risco. "É claro, esclarece, que não vamos entregar o controle de nossas empresas para o capital estrangeiro". Ainda dentro da estratégia que prega, Assis Anhaia defende a administração da taxa inflacionária a juros suportáveis.

DESESTATIZAÇÃO

Para solucionar o problema da dívida interna, Assis Anhaia diz que o governo só tem uma saída: desestatizar. Garante que está na hora do Brasil começar a pensar no assunto, "pois não é mais possível manter empresas no setor estatal totalmente desequilibradas, deficientes e deficitárias. Tem certeza que a iniciativa privada iria gerenciar melhor estas empresas. Não é uma receita, mas tenho certeza de que é uma estratégia para resolver o problema de endividamento interno", diz.

610787

DUAL®

O HERBICIDA PRÉ-EMERGENTE PARA SOJA

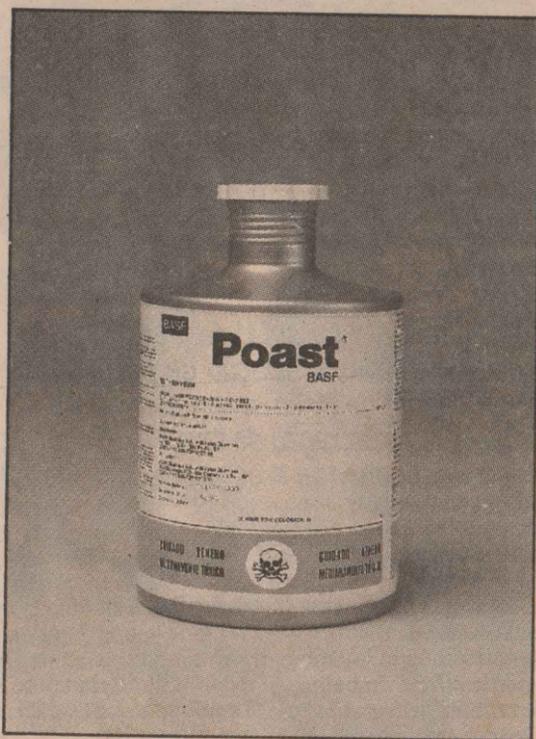
® Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça

Produto registrado na DIPROF-SDSV-MA sob n.º 012987

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA



Poast[®] O gramínicida definitivo.



Poast é um herbicida pós-emergente de última geração, sendo o mais eficaz no controle das gramíneas, especialmente da Marmelada ou Papuã (*Brachiaria plantaginea*), reconhecida como a pior erva daninha para as culturas anuais. Indicado para as



plantações de soja, feijão, algodão, girassol, fumo, eucalipto e gladiolo, Poast controla as invasoras mesmo em estágios avançados.

Poast também favorece a formação de cobertura morta, que protege o solo e impede a reinfestação.

Aliando seletividade a uma eficiente ação sistêmica, Poast preserva a cultura e garante melhores resultados na colheita. Consulte um agrônomo BASF: ele lhe dará todas as informações sobre os benefícios que Poast pode trazer para sua lavoura.



Pós-Emergência
Tecnologia BASF

Agroquímica

BASF

CALENDÁRIO

54ª Expo Feira foi sucesso em Dom Pedrito

De 20 a 27 de outubro o município de Dom Pedrito realizou mais uma edição de sua tradicional festa da agropecuária. Foi a 54ª Exposição Agropecuária, que iniciou com a II Feternamepe, no dia 20, que vendeu 786 mil temeiros selecionados. O total geral dessa venda alcançou a cifra de Cz\$ 4.611.876,00.

O maior êxito financeiro da exposição, como já era esperado, ficou com as estâncias Guatambu e Alvorada, no remate realizado na tarde do dia 26, que ao venderem 81 touros da raça polled hereford, faturaram Cz\$ 8.155.000,00. Esse remate, que teve as ofertas de vendas feitas pelo Escritório Rural Farrapo, levou a Dom Pedrito compradores de 12 municípios gaúchos.

As estâncias Guatambu e Alvorada, uma referência de qualidade genética insuperável na raça polled hereford, categoria rústica, para reprodução, vão adotar a marca "Delta G", uma referência zootécnica que quer dizer ganho genético integral. O anúncio da nova marca foi feito pelo geneticista

e professor da UFRGS, Luiz Alberto Fries, no próprio local do remate do dia 26, sendo confirmado pelos empresários Valter José Pötter (Guatambu) e Rogério Zart, da Alvorada.

ABERDEEN ANGUS, DE NOVA CABANHA

O fato novo acontecido na 54ª Exposição Agropecuária de Dom Pedrito foi a estréia em pista de remate da Cabanha Vista Alegre do Ponche Verde, propriedade do empresário rural e líder político, Oscar Vicente e Silva. A Vista Alegre cria a raça negra aberdeen angus, famosa no criatório do Rio Grande do Sul por sua elevada performance na produção de carne em reduzida estrutura óssea.

Os aberdeen angus da Cabanha Ponche Verde, que alcançaram os principais prêmios da raça na 54ª Expo Pedritense, foram julgados pelo veterinário José Saldanha, da Secretaria da Agricultura, que os considerou excelentes.

São animais oriundos de sêmen importado dos Estados Unidos e Cana-



A Expo-Feira atraiu compradores de 12 municípios

dá, implantados em vacas provadas de seleção natural pelo fenótipo, explicou o técnico.

A cabanha é dirigida pelo veterinário Antonio Carlos Torres e Silva. Outras atividades do Grupo Oscar Silva são: gado geral, ovinos da raça corriedale e agricultura, com predominância do arroz.

O presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, Suleiman Guimarães Hias, falando sobre o sucesso da Expo-Feira, cujas vendas alcançaram a soma geral de Cz\$ 30.000.000,00, disse que teve previsão inicial de vendas em torno dos Cz\$ 15 milhões, devido a época de crise que o setor atravessa. Mas a qualidade dos animais colocados à venda superou todas as expectativas.



Os pessegueiros precoces em avaliação

A produção dos pessegueiros

Este foi o ano do pêssego. Quem possui pessegueiros na sua propriedade já deve, nestas alturas, ter comprovado este fato. A produção foi alta e saudável, principalmente as das variedades precoces. No Centro de Treinamento da Cotrijul, o pessoal que cuida do pomar passou o final do mês de outubro envolvido com a colheita dos pessegueiros de variedades precoces — Precocinho, Premier, Pedch, Sulina e Nectarina Sunred —. São variedades, assim como as demais espécies que integram o pomar, que estão sendo conduzidas de forma experimental, onde deverão ser avaliados a sua adaptação ao clima e ao solo da região e também o nível produtivo.

O Pedro Maboni, técnico agrícola responsável pelo setor de fruticultura do CTC conta que os pessegueiros em produção passaram por todas as práticas recomendadas na condução de um pomar. No início da floração foi feita poda para retirada dos ramos doentes ou ladrões. Depois da frutificação foi realizado o raleio para retirada dos frutos menores. O manejo das pragas foi feito através de iscas em embalagens, "até para se medir a intensidade do ataque".

A produção que vem sendo colhida no pomar do CTC serve como parâmetro para indicar ou não determinada variedade. O trabalho de experimentação do pomar do CTC vem sendo realizado em convênio com o Centro Nacional de Fruteiras de Pelotas.

Colheita da lentilha

A colheita da lentilha deve ser feita quando as plantas estiverem de cor amarelada e as primeiras folhas comecem a cair. A recomendação é do agrônomo e coordenador da área de oleicultura da Cotrijul na região, o Francisco Salla. Recomenda muita atenção para a maturação das vagens e a umidade do grão, pois em alguns casos pode ocorrer a maturação das vagens, mas as folhas continuam verdes. Como regra básica, sugere que o produto seja colhido quando o grão apresentar umidade em torno de 18 por cento. Mas faz um alerta: não esperar que a planta amadureça por completo, pois existe o problema de deiscência das vagens que causa grandes perdas na lavoura.

Após a colheita, o produto deve ser secado ao solo para que a umidade do grão fique ao redor dos 13 por cento. "A qualidade e apresentação do produto, recomendação são fundamentais na determinação do preço do produto".

Diversificação: proposta em andamento

Eloy Pettenon

O município de Ajuricaba possui a sua economia calcada essencialmente no setor primário, sendo a soja e o trigo as culturas que ocupam ainda hoje as maiores áreas de cultivo. A estrutura fundiária caracteriza-se pela presença do minifúndio, onde a propriedade média é de 23 hectares.

A Cotrijul vem, através de seu departamento agrotécnico, desde o início dos anos 70, desenvolvendo um trabalho cuja idéia central é processo de diversificação. Uma etapa importante deu-se em 1976, com a criação do CTC. É bem verdade que poucos acreditavam nesta proposta, pois todas as atenções governamentais estavam voltadas para as grandes culturas de exportação, desestabilizando as propriedades, que ficavam cada vez mais na dependência de insumos modernos. A mecanização motorizada continuava sobrepondo os limites até mesmo das minis e pequenas propriedades.

A unidade de Ajuricaba, criada em 1975, iniciou seus trabalhos estruturados apenas para o recebimento das culturas de trigo e soja, acompanhado de instalações na área de consumo. Foi montado, também, um departamento agrotécnico que passou a desenvolver seu trabalho no sentido de reverter a monocultura vigente naquela época. Mas foi somente nesta década que o caminho da concretização de outras linhas de produção, componentes do processo de diversificação, ganharam efetivamente seu espaço.

Atualmente, várias linhas de produção possuem uma expressão significativa dentro da unidade de Ajuricaba, ocasionando reflexos positivos para a cooperativa como um todo. A atividade leiteira ocupa cerca de 50 por cento dos associados da Unidade e continua recebendo cada vez mais a atenção do setor agrotécnico, buscando sempre, maiores resultados. Isto se deve ao trabalho

de orientação de manejo de animais, inseminação artificial, alimentação equilibrada através da combinação de pastagens e suplementação no cocho. Estamos incrementando, também, a prática de silagem, procurando o aproveitamento de aveia preta, a qual pode ser cultivada no inverno sem ocasionar prejuízos ao trigo. Atualmente cerca de 16 produtores estão sendo acompanhados mediante o programa de alimentação pelo sistema de computação e os resultados, até o momento, têm superado a expectativa.

Ainda na área animal, as atividades de suinocultura, piscicultura e avicultura para a produção de ovos atingem um elevado número de produtores. Com a implantação do cooperado de suínos, conseguiu-se, através de orientação técnica, um melhoramento genético substancial, o qual estava fundamentado no suíno tipo banha. Hoje, na maioria das propriedades, o Wessex vem ocupando lugar de destaque, tanto através de sua utilização simples ou de cruzamentos com outras raças como a Landrace, Large-White e Duroc. São 640 contratos cooperados atingindo 473 associados, totalizando 7.898 suínos desde o início do programa.

Já o cooperado de peixes conta com 12 associados, totalizando 26.700 alevinos entregues. Além disso, foram entregues mais de 70 mil alevinos a associados, para o povoamento de açudes da região. O incentivo à piscicultura baseia-se no aproveitamento de resíduos existentes na propriedade, principalmente em combinação com a criação de suínos. O ganho de peso destes peixes tem sido excelente, porém, se faz necessário investir em outras estruturas — açudes —, a fim de que o produtor possa manejar estes peixes conforme o seu desenvolvimento, evitando maiores perdas devido a predadores que se alimentam de alevinos.

O cooperado de ovos conta com a participação de 14 produtores, formando 17 lotes de 160 aves cada

um. Estes produtores fizeram pequenos investimentos a fim de tornar possível o desenvolvimento desta atividade. Também é destaque em muitas propriedades a presença da galinha carijó ou caipira.

Na área agrícola, está sendo incrementado a utilização de culturas alternativas, seja para a produção de grãos ou cobertura de solo durante o inverno, além da formação de pastagens, procurando sempre o processo de rotação de culturas. A conservação de solos tem merecido atenção especial, sendo que um grande número de produtores está refazendo a locação de terraços e combinando esta prática às demais utilizadas na preservação e recuperação dos solos da região. O reflorestamento de área com maiores declividades, margens de rios e riachos tem acontecido muito nos últimos dois anos, apesar de alguns insistirem na prática do desmatamento.

A Unidade conta, hoje, com uma equipe bem formada, responsável em grande parte pela volta de muitos associados à cooperativa, além de procurar despertar o interesse constante de novos associados. Isto é o resultado do dinamismo implantado dentro da Unidade, procurando fazer com que o associado se torne cada vez mais responsável pela sua Cooperativa. A resposta desta nova proposta é medida não só pelas novas estruturas que estão sendo criadas na Unidade — silos para recebimento de produtos de diversificação, caminhão para o transporte de suínos, tanque para recebimento de peixes vivos e endereçados à comercialização, melhoramento e aumento na capacidade de recebimento de leite, entre outras —, mas fundamentalmente, pela boa entrega da produção, aliada a sua presença constante na unidade, buscando informações precisas.

O Eloy Pettenon é engenheiro agrônomo e coordenador da área técnica da unidade de Ajuricaba.

CUSTOS

Ervas daninhas sob controle

Inços na lavoura é prejuízo na certa. E, nestes tempos de "vacas magras", prejuízo é uma palavra que o agricultor nem pode ouvir falar. Ele tem que trabalhar o máximo, com o mínimo de despesas para conseguir vencer todas as dívidas. O controle dos gastos pode começar pelo preparo — feito de forma racional —, o plantio e até no controle das ervas daninhas que infestam as lavouras. Mas como controlar as ervas daninhas da lavoura de forma econômica e eficiente? O que é mais vantajoso para o produtor: aplicar herbicidas, fazer a capina mecânica ou a capina manual? Qualquer decisão a este respeito, com resultados eficientes e sem desperdício de gastos, vai depender do próprio produtor em analisar o tamanho da sua lavoura, o tipo de solo, a incidência de inços, e a disponibilidade de mão-de-obra e de maquinário na propriedade antes de optar por uma das quatro alternativas.

Para orientar melhor o produtor, a Diretoria Agrotécnica da Cotrijuf na Regional Pioneira elaborou, como tem feito todos os anos mais ou menos nesta mesma época do ano, um levantamento das despesas com a capina manual, a aplicação de herbicidas e a capina mecânica para o controle de inços na lavoura de soja da próxima safra. O trabalho foi elaborado pelo Lufs Juliani, assistente agrotécnico da Cotrijuf na região, que considerou valores referentes ao mês de setembro. Isto significa que até a hora da realização da operação de eliminação dos inços, as despesas possam estar um pouco alteradas.

OS COEFICIENTES TÉCNICOS

Até chegar aos cálculos dos custos da capina mecânica e a aplicação de herbicidas, o Juliani considerou coeficientes técnicos coletados no Centro de Treinamento da Cotrijuf, localizado em Augusto Pestana, durante a realização destas operações de que o trabalho fala. Na formulação dos custos da hora/máquina, foram somados gastos como combustíveis, troca de filtros, lubrificantes, reparos e conservação e ainda depreciação. Foram considerados o uso de máquinas e equipamentos novos.

A remuneração da mão-de-obra teve como base informações prestadas pela Cooperativa dos Trabalhadores Rurais de Ijuí. O preço base ficou em Cz\$ 120,00. Ele também considerou, para efeito de cálculo de custo, o trabalho realizado por quatro homens/dia na capina de um hectare de lavoura.

AS CAPINAS

A capina manual é a mais simples das operações e vai envolver a mão-de-obra familiar disponível na propriedade. Para o levantamento de dados foram computados o uso da enxada e o trabalho do capinador. Mas neste caso, o Lufs Juliani considerou o trabalho de quatro capinadores por dia para a realização da operação em um hectare de lavoura. O gasto com o trabalho de apenas um homem, em um dia de trabalho, fica em Cz\$ 120,00. Caso sejam empregados quatro homens, o trabalho poderá ser concluído em apenas um dia, a um custo total de Cz\$ 480,00.

Em caso de capina mecânica — operação em que o produtor terá de usar um trator, uma capinadeira mecânica e dois homens — foram consideradas todas as despesas com o trator

— combustível, lubrificantes, reparos, consertos, entre outros. Também foi incluído o trabalho de dois homens, um operando no trator e outro na capinadeira.

O trabalho da capina mecânica em um hectare de lavoura pode ser concluído em apenas 48 minutos, a um custo final de Cz\$ 254,72. O uso do trator é o item de maior peso no caso da capina mecânica, representando um custo final de Cz\$ 196,66, 157,65 por cento mais caro do que o custo levantado nesta mesma época, no ano passado. Este item representa 77,21 por cento do total dos custos da operação. Em segundo lugar aparece o item referente a capinadeira, representando Cz\$ 33,90. A mão-de-obra é o que menos pesa, mas até o ano passado, por exemplo, ela representava o segundo item na escala de custos desta operação. Essa virada vem comprovar que houve uma perda real dos salários dos trabalhadores nesse meio tempo, entre os fracassos dos Planos Cruzados e o Plano Bresser.

ATÉ UM CAVALO

Mas em vez de usar trator na capina mecânica, o produtor pode substituí-lo por um animal com a mesma eficiência. No caso do uso da tração animal, são computados gastos com um cavalo, uma capinadeira e a mão-de-obra de um homem. O trabalho, neste caso, poderá ser concluído em 416 minutos, a um custo final de Cz\$ 270,55. A mão-de-obra, neste caso, é o item de maior peso, representando um gasto total de Cz\$ 103,95 contra os Cz\$ 34,65 gastos no levantamento feito no ano passado.

O Lufs Juliani considerou na determinação dos custos finais da capina

com tração animal a amortização do cavalo — considerando uma vida útil de oito anos — e mais a alimentação. Para o caso da alimentação, ele tomou por base o consumo de quatro quilos de milho em cada seis horas de trabalho, acrescidos de mais 12 quilos de pastagem por dia, a um custo zero. Ele lembra ao produtor que alguns fatores como alimentação, condições ambientais, velocidade, constituição física e atrelamento do animal, vão apresentar influência direta no rendimento do seu trabalho.

Mas de um modo geral, o tempo gasto na realização das operações de capinas vai depender da infestação dos inços na lavoura e do estágio de desenvolvimento do mato.

O tempo gasto para o controle dos inços em um hectare de lavoura através da aplicação de herbicidas é de 37 minutos. No caso, o levantamento considerou as despesas com trator, pulverizador, os dois produtos empregados no controle das ervas — para folha larga e folha estreita — e a mão-de-obra. As despesas finais com o uso de herbicidas vão ficar em Cz\$ 1.522,79. Apenas o uso dos dois produtos — a Trifluralina e o Metribuzin — totalizou um custo de Cz\$ 1.270,00, o que representa 83,40 por cento da despesa total com a operação. Em setembro do ano passado, as despesas com estes dois produtos totalizaram Cz\$ 371,55, com um acréscimo de 241,81 por cento.

OS AUMENTOS

O descongelamento de preços e os fracassos planos econômicos do governo trouxeram, neste ano, uma avalanche de reajustes dos produtos defensivos, insumos, adubos, máquinas, combustíveis, entre outros itens. A operação capina manual que no ano passado — setembro — teve um custo final de Cz\$ 163,50, está orçada hoje — dado referente a setembro — em Cz\$ 483,50, com aumento ao redor de 195 por cento. A capina mecânica subiu, comparando com o trabalho do ano passado, em 146,20 por cento, enquan-



A capina manual teve reajuste de 195 por cento

to que a capina a tração animal teve um acréscimo de 173,20 por cento. A operação que resulta na aplicação de herbicidas passou de Cz\$ 495,98 para Cz\$ 1.522,79, com um acréscimo de 223,96 por cento.

O trabalho de levantamento de custo do controle de ervas daninhas na lavoura não tem a intenção de dizer ao produtor o que ele deve fazer. É apenas uma indicação para melhor orientá-lo na hora da decisão, sempre considerando vários fatores que vão influir decisivamente no sucesso da operação.

CAPINA MANUAL

Operação	Dias de trabalho	Mão-de-obra — Cz\$	
		Por dia (2)	Por ha (1)
Capina manual	4 h/dia	120,00	483,50

(1) No custo de mão-de-obra está incluída a depreciação da enxada
(2) Fonte: COTRIL

CAPINA MECÂNICA

Operação	Hs. trabalhadas por ha	Trator/Cz\$		Implemento/Cz\$		Total/Cz\$	
		p/hora	p/ha	p/hora	p/ha	p/hora	p/ha
Capina-trator	0,8056	244,11	196,66	—	—	244,11	196,66
Capina-capinadeira	0,8056	—	—	42,08	33,90	42,08	33,90
Mão-de-obra (2 pessoas)	0,8056	15,00	12,08	15,00	12,08	30,00	24,16
Total	—	259,11	208,74	57,08	45,98	316,19	254,72

TRAÇÃO ANIMAL

Operação	Horas trabalho p/ha (1)	Cavalo/Cz\$		Implemento/Cz\$		Total/Cz\$	
		p/hora	p/ha	p/hora	p/ha	p/hora	p/ha
Capina (cavalo)	6,93	14,71	101,94	—	—	14,71	101,94
Capina-capinadeira	6,93	—	—	9,33	64,66	9,33	64,66
Mão-de-obra	6,93	—	—	—	—	15,00	103,95
Total	—	14,71	101,94	9,33	64,66	39,04	270,55

(1) — Fonte: FECOTRIGO

APLICAÇÃO HERBECIDA

Operação	Hs. trabalho hectare	Trator/Cz\$		Implemento/Cz\$		Total/Cz\$	
		p/hora	p/ha	p/hora	p/ha	p/hora	p/ha
Aplicador herbicida trator	0,6112	244,11	149,20	—	—	244,11	149,20
Pulverizador	0,6112	—	—	140,25	85,72	140,25	85,25
Mão-de-obra (2 pessoas)	0,6112	15,00	9,17	15,00	9,17	30,00	18,34
Herbicida Trifluralina (1,15 l/ha)	—	—	—	—	—	—	360,00
Metribuzin (0,7 l/ha)	—	—	—	—	—	—	910,00
Total	—	259,11	158,37	155,25	94,89	414,36	1.522,79

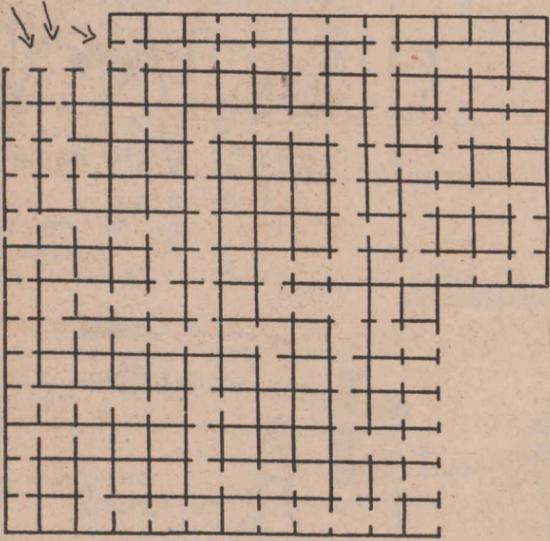


SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Elaboração: Maria Aparecida Pereira Mendes

Passatempo



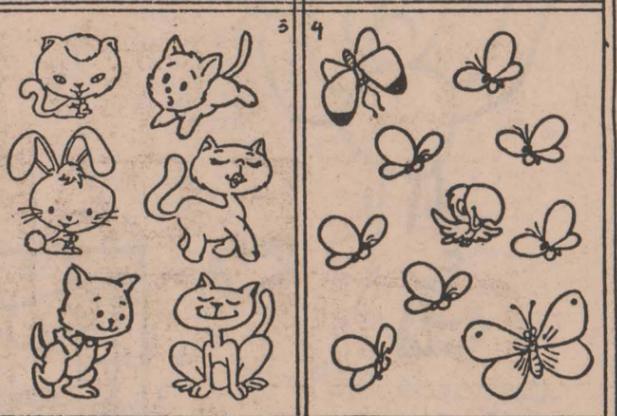
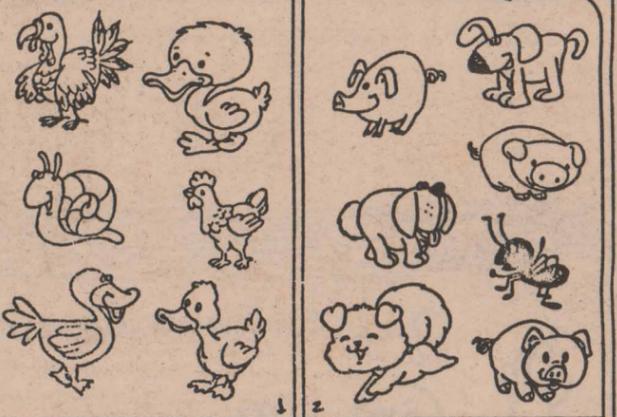
TÁ NA CARA...

Quantos anos tem o Sr. Numérico?
Tá na cara. É só somar todos os números para você saber.



DESCUBRA

E RISQUE O ELEMENTO QUE NÃO PERTENCE AO CONJUNTO.



16

$10 + 8 =$

$7 \times 10 =$

$9 + 10 =$

$10 + 3 =$

$2 \times 9 =$

$95 + 5 =$

$2 \times 2 =$

$2 - 2 =$

3

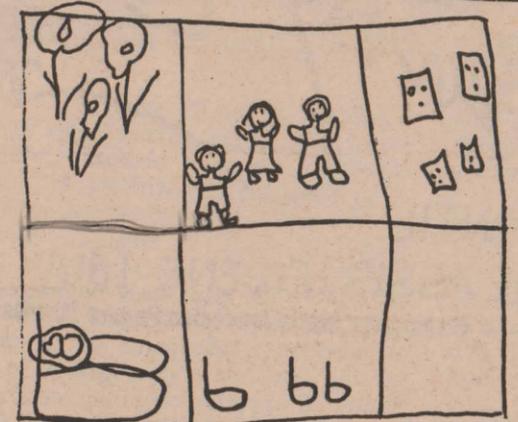
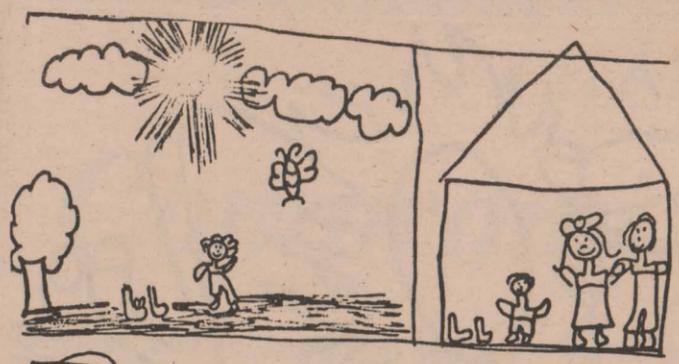
1000

$3 \times 5 =$

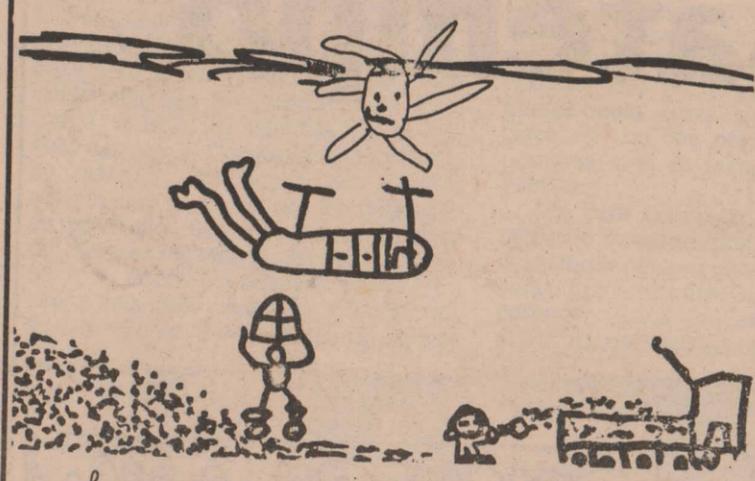
$10 + 2 =$

$2 \times 4 =$

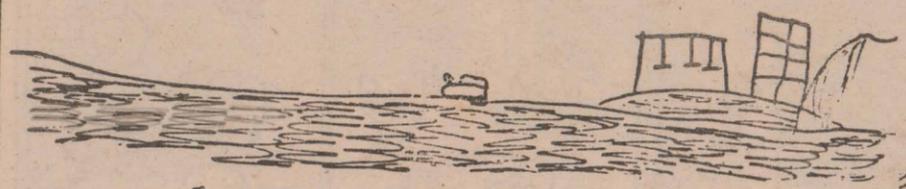
Página do leitor



Luisa Belato - 7 anos



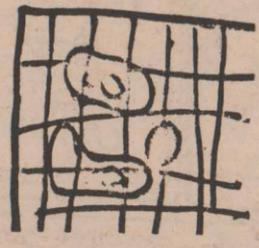
Luis Gustavo Frantz - 7 anos



Diogo Kaminski - 7 anos



Bernardo P. Mendes
7 anos



Os alunos da 1ª série da Escola Francisco de Assis estão trabalhando com o Centro de Interesses "O Vestuário". Dentro deste assunto estão incluídos os calçados. Entre muitas das atividades realizadas pelas crianças, está a história "Se eu fosse um sapato velho. . ." A partir de discussões sobre as necessidades do ser humano em se proteger, de se sentir bem e das possibilidades de cada pessoa em adquirir ou não calçados, as crianças criaram seus textos. Aqui estão eles:

"Se eu fosse um sapato velho, pediria ao meu dono para me levar ao sapateiro para que eu ficasse bonito novamente. Queria que ele me pintasse de azul. Aí eu poderia passear feliz e despreocupado".
Caroline Fano - 7 anos

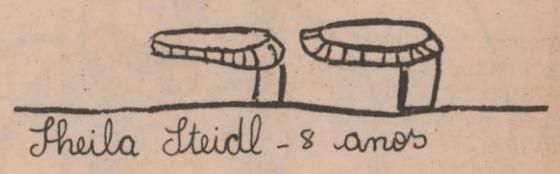
"Se eu fosse um sapato velho eu ia jogar bola com meus amigos sapatos velhos. Daí ele jogou bola e o sapato velho descosturou o outro sapato. Eu joguei o sapato velho no lixo, e comprei outro sapato na loja".
Elisângela Meireles - 7 anos

"Eu gostaria de ser arrumado para ser usado no pé dos pobres e para eles poderem se proteger do frio, do calor e ter segurança para caminhar. Eu gostaria de nunca ser jogado fora para sempre ser útil".
Luis Gustavo Frantz - 7 anos

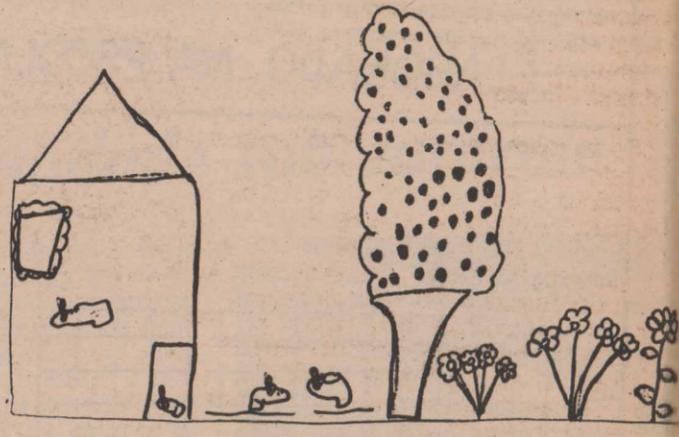
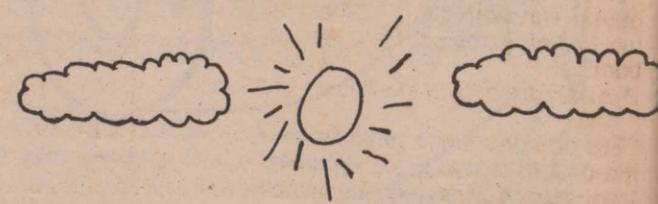
"Era um sapato velho. O sapato velho vivia no pé do palhaço e daí o palhaço perdeu o sapato velho no circo e chorou muito".
Fábio Paulo Basso - 7 anos

"Se eu fosse um sapato velho não queria ser jogado no lixo. A mamãe jogou meus sapatos velhos no lixeiro. Eu tirei os meus sapatos velhos do lixeiro".
João Francisco Dalla Flora - 7 anos

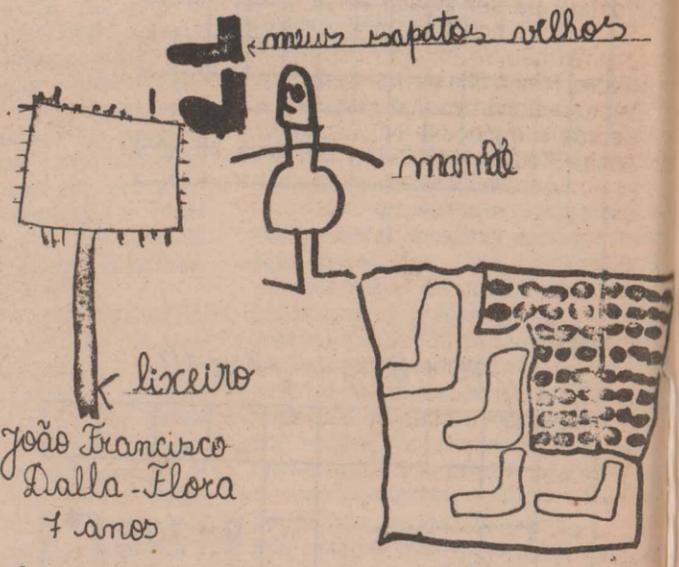
"Se eu fosse um sapato velho eu usava esse sapato e guardava com muito cuidado".
Matias Frizzo - 7 anos



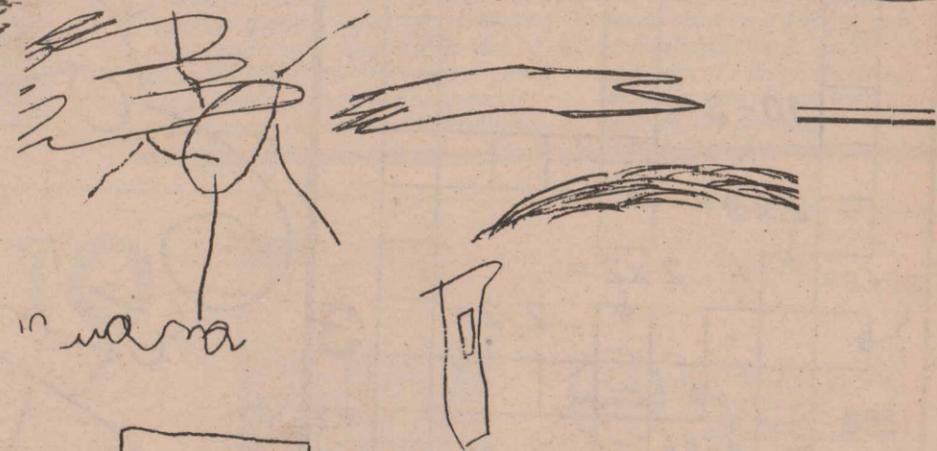
Sheila Steidl - 8 anos



Camila Bargnelutti - 7 anos



João Francisco Dalla Flora
7 anos



Luana Lopetti Klohn
5 anos - Jardim B

"Se eu fosse um sapato velho eu guardava numa caixa, porque eu era jogador de bola e não queria lembrar de quando eu jogava".
Frederico Hartmann de Souza - 7 anos

"Mamãe tinha um sapato velho. Eu usei bastante e gostei. Depois eu dei para minha prima. Ela também usou muito e depois jogou fora".
Sheila Steild - 7 anos

"Se eu fosse um sapato velho eu não queria ser vendido. Se o homem não me usa mais, dá pros pobres. Aí fica bom".
Bernardo Pereira Mendes - 7 anos

"Era uma vez um sapato velho. Um dia o Caio achou o sapato velho e levou-o para casa dele. A mamãe ficou muito braba, daí o Caio disse pra mamãe que o sapato velho irá ficar com ele e a mamãe e o papai deixaram".
Luisa Belato - 7 anos

"Se eu fosse um sapato velho queria morar num pé sem chulé. Andar na pracinha e na praia".
Diogo Kaminski - 7 anos

"Uma vez o sapato velho cansou de ser um sapato velho e queria ser um sapato novo. Pegou uma tinta e se pintou, se arrumou bem bonito e se olhou. Foi até a porta de sua casa e saiu para passear e encontrou uma amiga e contou o que fez".
Camila Cargnelutti - 7 anos

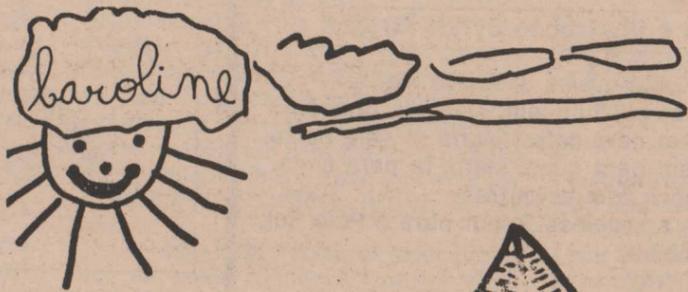
"O sapato do vovô é velho mas é bonito. Nem todo sapato velho é feio, só desajeitado".
Miriam Cavalheiro - 7 anos

"Eu sou um sapato velho. Eu não gostava de ser jogado pelos cantos. Eu sei que sou feio, mas a minha mamãe não se importa com a minha feiura. Minha tia me consertou muitas vezes, quando eu me rasgava nas pedras e tropeçava em tudo. Eu conheci outro par igual a mim. Ele era um gato e eu me apaixonei. Eu e ele casamos e tivemos muitos sapatinhos novos e fomos muito felizes".
Vanessa Garzão - 7 anos

"Quando eu era pequena eu usava minhas sandalhinhas. Agora eu cresci e não encontrei do mesmo tipo, bonitinhas. Eu sinto saudades delas quando eu vejo".
Elisiane Viegas - 7 anos



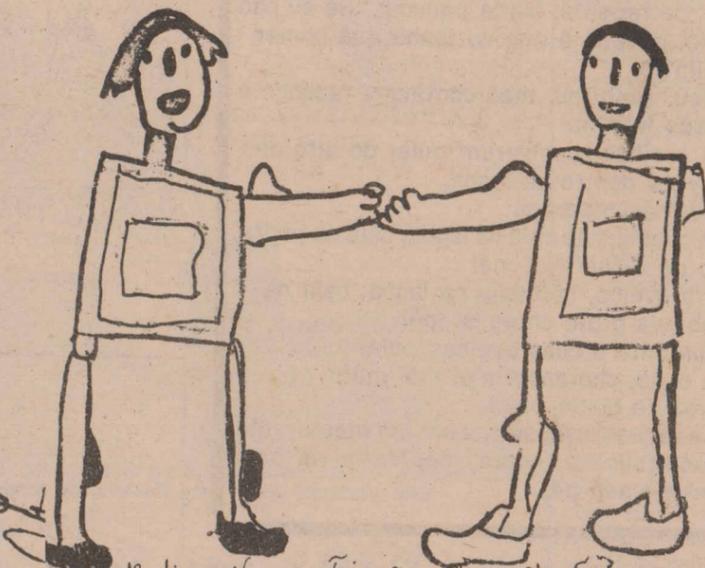
Gilvana Castoldi - 7 anos



Caroline Fano - 7 anos



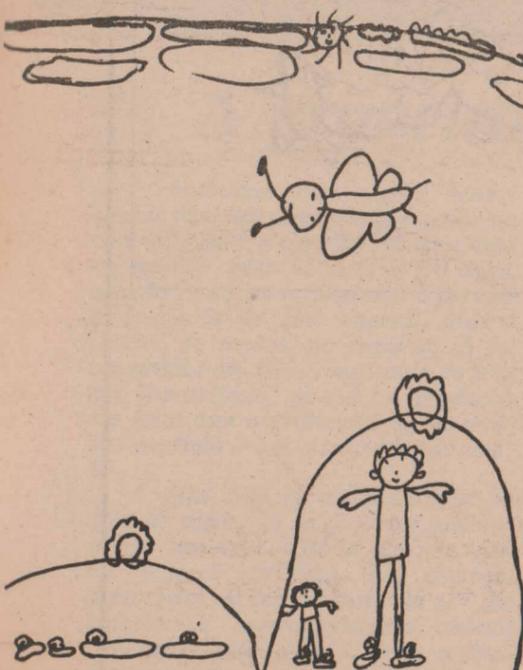
Caroline Fano - 7 anos



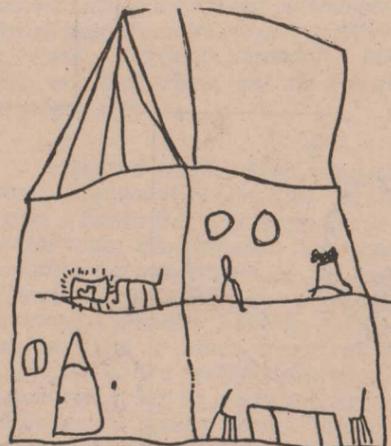
Matias Nunes Frizzo - 7 anos



Miriam Cavalheiro - 7 anos



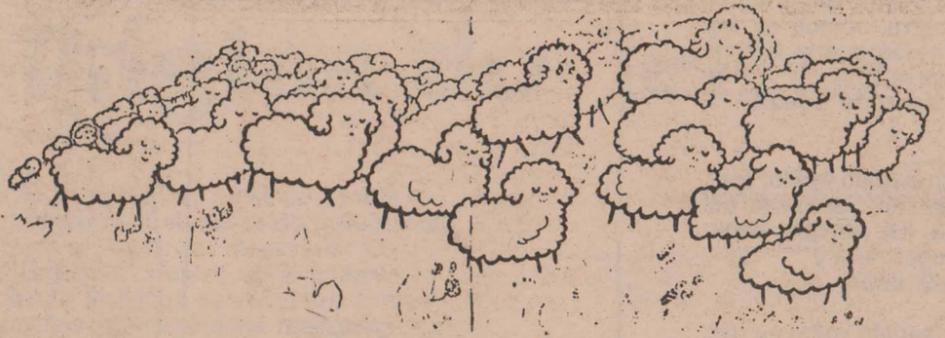
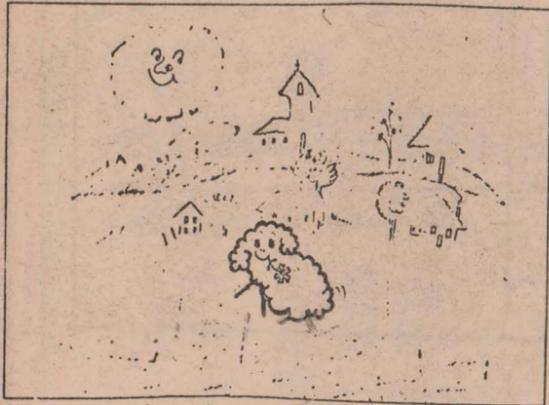
Elisiane Viegas - 7 anos



Frederico H. de Souza - 7 anos



Lara Lopetti Kohn - 8 anos
3ª filha



Maria vai com as outras

Texto e ilustração Sylvia Orthof

Era uma vez uma ovelha chamada Maria. Onde as outras ovelhas iam, Maria ia também. As ovelhas iam para baixo. Maria ia para baixo. As ovelhas iam para cima. Maria ia para cima. Maria ia sempre com as outras. Um dia todas as ovelhas foram para o Pólo Sul. Maria foi também. Ai, que lugar frio! As ovelhas pegaram uma gripe!!! Maria pegou gripe também. Atchim! Maria ia sempre com as outras. Depois todas as ovelhas foram para o deserto. Maria foi também. Ai, que lugar quente! As ovelhas tiveram insolação. Maria teve insolação também. Uf! Fuf! Maria ia sempre com as outras. Um dia, todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló. Maria detestava jiló. Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também. Que horror! Foi quando, de repente, Maria pensou: "Se eu não gosto de jiló, porque é que eu tenho que comer salada de jiló?" Maria pensou, suspirou, mas continuou fazendo o que as outras faziam. Até que as ovelhas resolveram pular do alto do Corcovado para dentro da lagoa. Todas as ovelhas pularam. Pulava uma ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra, quebrava o pé e chorava: mé! Pulava outra ovelha, não caía na lagoa, caía na pedra, quebrava o pé, chorava: mé! E assim quarenta e duas ovelhas pularam, quebraram o pé, chorando: mé! mé! mé! Chegou a vez de Maria pular. Ela deu uma requebrada, entrou em um restaurante e comeu uma feijoada. Agora, mé, Maria vai para onde caminha o seu pé!

